Jornal de Letras

Opiniões
Depoimentos
Novos Lançamentos
Entrevista
Literatura Infantil

Número: 294
Mês: Agosto
Ano: 2023
Preço: R$ 5,00

ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

A divina atuação de Gilberto Schwartsmann

Gilberto Schwartsmann é o novo presidente da Fundação Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Fospa), instituição vinculada à Secretaria da Cultura (Sedac). Defensor ativo do pensamento crítico e da valorização da ciência e das artes, o médico, colecionador, escritor e mecenas gaúcho contribui significativamente para a cultura do país, trazendo perspectivas inovadoras e multidisciplinares para diversos campos do conhecimento. *(Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)*

Editorial

A Academia Brasileira de Letras tem uma ativa Comissão de Lexicografia e Lexicologia, presidida pelo imortal Evanildo Bechara. Todo mês, ela aproveita novos termos para figurar no Dicionário da ABL, enriquecendo o nosso idioma, segundo critérios muito rígidos. Não é qualquer palavra que deve ser imortalizada, figurando no DLP. Hoje, por exemplo, os seus membros discutem se "Pelé" deve entrar no Dicionário. Há um receio de que ela não seja lembrada para sempre, como é o ideal. De todo modo, pode-se inferir que a língua portuguesa está sendo enriquecida, com esse apoio cuidadoso.

O editor.

O presidente da ABL Merval Pereira e o acadêmico Arnaldo Niskier receberam o presidente da Associação Brasileira de Mantenedoras do Ensino Superior, Celso Niskier, o diretor Andrei Candiota e a jornalista Manoela Ferrari, na ABL. Em pauta, o 6º Concurso ABMES de Jornalismo.

Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman
Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com
Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O Jornal de Letras é uma publicação mensal do Instituto Antares de Cultura / Edições Consultor.

Opinião

Arnaldo Niskier

acervo JL

As ameaças da Inteligência Artificial

Está na moda discutir a importância e os receios da inteligência artificial (IA). É claro que o tema não escaparia aos cuidados do intelectual Yuval Harari, nos seus últimos livros. A IA está criando textos, códigos, imagens, histórias e músicas. Mas pode criar falsificações perfeitas de sons e imagens ou redigir leis, o que torna a ferramenta extremamente perigosa, ainda mais sabendo-se das enormes carências da nossa Justiça, na qual se discute o uso do ChatGPT na fundamentação de decisões de relevo.

Por que isso é importante? Sabe-se que, no Brasil, hoje, há 77 milhões de processos, distribuídos por pouco mais de 18 mil juízes. Seria essa a causa da incrível morosidade do nosso Judiciário? A IA está presente na maioria dos tribunais brasileiros, com notáveis ganhos de produtividade, mas a ferramenta é vista com desconfiança, pois produz falhas técnicas (bugs) que produzem resultados equivocados. Os juízes são seres humanos que não podem ser substituídos por algoritmos. A sensibilidade de um magistrado é um elemento insubstituível no seu comportamento. Como conciliar tudo isso é um fator hoje presente e de relevo nas discussões.

O fenômeno chegou à educação, depois de alcançar igualmente os veículos de comunicação. Metade das redações, ao redor do mundo, trabalham com inteligência artificial generativa. Mas há fatores negativos no processo, como inexatidão de informações e baixa qualidade do conteúdo. Assinalam-se plágios e violação de direitos autorais, o que causa uma natural preocupação. Sugere-se a adoção de diretrizes que aperfeiçoem o mecanismo.

E aí surgem os robôs de IA, conhecidos como chatbots, que respondem às perguntas dos usuários, depois de fazerem as indispensáveis pesquisas. O Google opera com a sua própria ferramenta, que é o Bard. Já existe o rival que é o Bing Chat, da Microsoft, mas ainda há um longo caminho para evitar as falhas sucessivas que se registram no processo.

Espera-se para breve a ajuda dessa ferramenta no combate às ondas de intolerância, ódio e preconceito. Vai simular emoções e aí estaremos no bom caminho, como preconizou o estudioso israelense Harari.

"A lei brasileira premia quem manda e não quem obedece."

Ruth de Aquino

"A vida é muito curta para ser pequena."

Benjamin Disraeli

"Os governos suspeitam da literatura porque é uma força que lhes escapa."

Emile Zola

Educação: empreendedorismo, sustentabilidade e inovação para a sociedade inclusiva

Por Roberto Boclin*

O importante economista do início do século passado, Joseph Alois Schumpeter, em seu livro *Teoria do Desenvolvimento Econômico*, expõe com clareza um pensamento que denominou de "fenômeno fundamental" do desenvolvimento. Tentar exemplificá-lo busca associar o processo de desenvolvimento econômico a mudanças endógenas e descontínuas na produção de bens e serviços. Em sua análise, destaca a figura do empreendedor (ou empresário schumpeteriano) como agente fundamental do processo de desenvolvimento econômico.

A economia de um Estado é um exemplo de aplicação prática da teoria econômica de Schumpeter, devido às influências notáveis de lideranças empresariais que ao longo de sua história, em momentos os mais distintos, contribuíram com a sua visão empreendedora para o progresso industrial do Estado e, que mesmo nos períodos de intensas dificuldades, superaram crises abrindo novos caminhos e perspectivas de recuperação.

Segundo Schumpeter, o desenvolvimento, no sentido em que o consideramos, é um fenômeno inteiramente estranho ao que pode ser observado no fluxo circular ou na tendência para o equilíbrio. É uma mudança espontânea e descontínua nos canais do fluxo, na perturbação do equilíbrio, que altera e desloca para sempre o estado de equilíbrio previamente existente.

O autor define um tipo de mudança que se expressa como "emerge de dentro do sistema e que desloca de tal modo o seu ponto de equilíbrio que o novo não pode ser alcançado a partir do antigo mediante passos infinitesimais".

E exemplifica: "Adicione sucessivamente quantas diligências quiser, com isso nunca terá uma estrada de ferro."

Para Schumpeter, o produtor empresário é o autor da mudança econômica e os consumidores são de um certo modo conduzidos por alguma referência a querer coisas novas, ou coisas que diferem em um aspecto ou outro daquelas que tinham o hábito de usar, consumir ou adotar.

No processo de desenvolvimento, por outro lado, também ocorrem mudanças descontínuas, espontâneas e que alteram e deslocam o estado de equilíbrio da economia e, em geral, ocorrem por motivações conjunturais, ambientais, de clima e de mercado.

Os últimos dez anos apresentaram mudanças profundas que incluem transformações na vida social e no trabalho enquanto muito pouco ou quase nada mudou na educação.

O Ensino Médio brasileiro, sem nenhuma identificação com o seu entorno social, não corresponde em qualidade e quantidade às expectativas dos alunos e do mercado de trabalho.

Trata-se de uma proposta educacional sem atrativos e sem qualquer terminalidade, até mesmo aquela que por algum tempo a conduziu como processo de preparação para os vestibulares, hoje completamente defasados da realidade do acesso às instituições privadas de ensino superior.

Que medidas precisam ser adotadas para adequar os programas de formação de competências no Ensino Médio com as necessidades de preparação para o trabalho? Que etapas devem ser vencidas na construção da passarela que unirá a Educação Básica e Profissional ao mundo competitivo do trabalho?

Os recursos humanos se deparam, por seu turno, com exigências mais rigorosas de desempenho, tanto quanto à sua produtividade como quanto à qualidade decorrente dos parâmetros de competitividade.

Na medida em que as profissões técnicas conquistem o seu espaço e o número expressivo de matrículas e conclusões aponta para uma perspectiva de crescimento favorável, o Ensino Médio encontrará uma razão melhor do que a atual quando exerce uma função intermediária sem objetividade entre o Ensino Fundamental e o desgastado Ensino Superior.

Algumas considerações podem ser introduzidas como contribuição isolada ao tema da educação profissional embora longe de se constituírem em indicações mais profundas.

Os custos da educação técnica são elevados em algumas áreas, tais como a saúde, a automação, a ambiental, as telecomunicações, por demandarem investimentos elevados em instalações e laboratórios, na sua manutenção e atualização, na contratação de um corpo docente especializado e que encontra remuneração atraente em outras áreas do mercado de trabalho, enfim cursos que devem ser da alçada de instituições públicas e sérias.

Outras áreas tornam-se muito pouco atraentes, para as instituições de ensino técnico, pelo elevado investimento que demandam, como foi dito, e por ser um mercado relativamente restrito, porém importante, como os técnicos em manutenção de aeronaves, os técnicos em atividades das usinas nucleares, na geração de energia elétrica, na bioquímica, nos fármacos, etc.

Nos casos citados, as associações de instituições de educação técnica e empresas surgem aparentemente como possibilidades viabilizadoras da oferta destes cursos.

Da mesma forma que vem sendo tratada no ensino superior, o exame da concessão de bolsas de estudo, para alguns cursos técnicos estratégicos, poderia ser cogitado pelo Estado.

Uma carência identificada reside na formação de professores para a educação técnica uma vez que a legislação ainda não esclareceu em nível nacional o aproveitamento de profissionais não licenciados das áreas da saúde, tecnológica e outras como docentes. Será necessário rever as normas e ampliar a oferta de programas de aperfeiçoamento e especialização de tais profissionais. Também não ficou clara a norma federal que conduz ao treinamento em serviço para a formação de docentes das áreas citadas.

Há necessidade de que se promovam estudos e pesquisas que conduzam a Matrizes de Necessidades de Formação de Técnicos no Estado, principalmente nas áreas altamente especializadas da Petroquímica, da Siderurgia, da Construção Naval, das Montadoras de Veículos Automotivos, nas Usinas de Geração Elétrica etc.

Finalmente, a Lei de Diretrizes e Bases, nº 9.394/1996 foi extraordinariamente estimuladora para a educação profissional; seus primeiros dez anos de existência apontam para muitos acertos em termos quantitativos, porém há muito por ser feito pelo Estado, pelas empresas e pelas instituições de ensino, na busca de uma qualidade desejável e alcançável.

A educação pública, em particular o Ensino Médio, merece uma reflexão mais aplicada e uma reformulação de métodos e processos que garantam uma gestão adequada às imposições da modernidade, rasgando os manuais de uma burocracia esgotada e inadequada diante das realidades desafiadoras dos dias atuais, e corrijam o quadro negro de um desempenho incompatível com os mais modestos parâmetros de qualidade e de eficiência.

A odisseia educacional exige medidas que acompanhem o progresso das telecomunicações e da informática, que favoreçam a inserção no mercado de trabalho, que reduzam as desigualdades sociais, que respeitem o conceito de cidadania, que façam do trabalho um direito festivo e, não, um castigo.

Uma das grandes questões da atualidade reside na construção de um mercado de trabalho capaz de absorver os numerosos contingentes populacionais por níveis de qualificação em busca de emprego.

---

*Roberto Boclin é doutor em Educação – UFRJ e membro da Academia Brasileira de Educação.

Breves

Por Manoela Ferrari
manoela.ferrari@gmail.com

◉ Morto sem grandes homenagens, em 1922, o escritor Lima Barreto receberá mais um título póstumo. O Conselho Universitário da UFRJ vai tornar o escritor doutor *honoris causa* da instituição.

◉ O poema O mundo é grande, de Carlos Drummond de Andrade, foi ilustrado pela designer argentina Raquel Cané em caprichada obra para todas as idades, lançada pela Editora Record. A edição em capa dura renova a força dos versos do poeta de Itabira, propondo novos pontos de vista sobre o texto.

◉ O volume *Contos Completos* (Editora 34) reúne todos os contos de Virgínia Woolf, num total de 46 histórias escritas entre 1906 e 1941.

◉ *Louças de Família* (Ed. Autêntica) é o romance de estreia da poeta gaúcha Eliane Marques, que cria imagens afiadas para falar do racismo através das gerações.

◉ Temas como orixás, as esquinas, o Carnaval e o improvável se misturam nos 77 textos que compõem *Crônicas Exusíacas & Estilhaços Pelintras* (Ed. Civilização Brasileira), do historiador Luiz Antonio Simas.

◉ Depois de publicar os premiados livros de contos *Cavala* e *Queda da Própria Altura*, Sérgio Tavares lançou seu primeiro romance: *Todos Nós Estaremos Bem* (Ed. Dublinense).

◉ Protagonista de clássicos do lendário estúdio cinematográfico Vera Cruz, Eliane Lage (conhecida como a Greta Garbo brasileira) lançou o romance autobiográfico *Ilhas, Veredas e Biritis* (Ed. Gryphus).

◉ *Cartas da África* (Ed. Chão), coletânea de correspondências do engenheiro André Rebouças (1838-1898), traz amplo retrato de um Brasil em fase de crescimento. A obra tem organização de Hebe Mattos.

◉ A coleção *Editando o Editor* (Ed. Edusp) apresenta a trajetória da jornalista, poeta e editora Maria Amélia Mello, em obra assinada por Marisa Midori Deaecto e Carolina Bednarek Sobra.

◉ O romance *O Carteiro e o Poeta*, de Antonio Skármeta, em homenagem à poesia e ao poeta chileno Pablo Neruda, ganhou nova edição, traduzida por Beatriz Sidou para o Grupo Editorial Record.

◉ Autora polonesa que ganhou o Nobel de Literatura em 2019, Olga Tokarczuk reflete sobre seu processo de criação em *Escrever é Muito Perigoso* (Ed. Todavia).

◉ Em 49 crônicas, o autor niteroiense Iosef Broitman registra, com humor, temas diversos do cotidiano brasileiro em seu primeiro livro: *Bobagens Aleatórias* (Ed. Artêra).

◉ *A Independência do Brasil em Cordel*, de Fernando Assumpção, com ilustrações de J. Borges e Pablo Borges para a Editora Multifoco, é uma referência dos registros históricos da independência sob a ótica da literatura de cordel.

◉ Um dos mais produtivos escritores do país, com mais de 50 livros publicados, Luís Pimentel lançou *Saudades dos Meus Botequins* (Ed. Vestígio).

◉ Terceiro livro de contos de Marcelo Peixoto (considerado um mestre da "pernambucanidade"), *Ava Gardner Nunca Disse Te Amei* (Ed. Mirada) transita entre a dureza e o humor mordaz.

◉ Em seu mais recente livro, *A Pessoa Certa* (Ed. Bestseller), a astróloga Virgínia Rodrigues defende que qualquer pessoa é regida pela configuração do céu no momento de seu nascimento e carrega consigo uma identidade astral.

Humor

Por Jonas Rabinovitch
jonasrabinovitch@gmail.com

DÚVIDA: DÁDIVA DA VIDA?

◉ *Dor Fantasma* (Ed. Biblioteca Azul), livro de Rafael Gallo, vencedor do Prêmio Literário José Saramago, questiona figuras masculinas em crise. Disponível também on-line e em e-books.

◉ *Como Não Morrer de Uma Só Vez* (Ed. Mondru) foi lançado pelo ator e dramaturgo Gustavo Vaz.

◉ Andreza Jorge analisa as experiências de mulheres no ambiente do Complexo da Maré, conjunto de favelas na Zona norte do Rio, em *Feminismos Favelados* (Ed. Bazar do Tempo).

◉ Inspiradas em decorações murais da Roma Imperial (séc. I), pinturas grotescas são o tema do livro Devaneios de grotescas (Ed. Mauad X), de Marcelo de Carvalho.

◉ Em *O Decêncio Decisivo* (Ed. Elefante), Luiz Marques aponta propostas para mudanças estruturais nas sociedades, visando a atenuar os impactos de um colapso socioambiental.

◉ *A Segunda Morte* (Ed. Companhia das Letras), de Roberto Taddei, mostra a figura masculina obrigada a encarar sua decadência.

◉ Com uma narrativa repleta de grandes nomes, Dan Jones tece um relato envolvente da Idade Média, em *O Poder e os Tronos* (Ed. Crítica). A tradução de Claudio Carina soma 672 páginas.

◉ *À sombra de Sofia* (Ed. Folhas de Relva) é o primeiro romance de Andreia Modesto.

◉ Jerônimo Pizarro construiu um guia de leitura dos heterônimos Alberto Caieiro Álvaro de Campos e Ricardo Reis, em *Ler Pessoa* (Ed. Tinta-da-China).

◉ O artista plástico Milton Machado apresenta suas poesias em *Sutura* (Ed. 7 Letras).

◉ Especialista em história econômica, Chris Miller lançou *A Guerra dos Chips* (Ed. Globo), em que traça desde a descoberta dos chips até a disputa atual entre EUA e China pelo domínio da tecnologia.

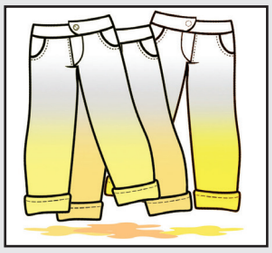
◉ Usando linguagem simples, entre poesia e referências africanas, *Pequeno Manual de Meditação* (Ed. Pallas), de Kiusam de Oliveira, pretende ensinar a "mergulhar no seu eu interior".

◉ Para além da clássica leitura do baralho holístico, em *Neo Tarô* (Ed. VR), Jerico Mandybur, fundadora da Girlboss, redefine o significado do jogo de interpretações para o século XXI, com cartas ilustradas por Daiana Ruiz.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Sem cor



"Gabriel comprou três calças laranjas."

Aposto como era de outra cor!

As cores que têm nome de **objetos** (**laranja**, **gelo**, **limão**, **vinho**, **violeta**, **rosa**) não vão para o plural, uma vez que são **substantivos adjetivados**, ou seja, derivam de palavras originalmente substantivas, que podem funcionar como **adjetivos** se estiverem qualificando outro substantivo, ficando sempre **invariáveis**.

Frase correta: "Gabriel comprou três calças **laranja**."

Aquém de x Além de

Gisela quer comprar um móvel, mas não sabe bem como avaliar o bem:

"O valor da cômoda estava aquém de seu preço, mas Gisela pagou mesmo assim."

Veja: **aquém de** = abaixo de, inferior.

"O valor da cômoda estava além de seu preço, mas Gisela pagou mesmo assim."

Veja: **além de** = acima de, superior.

Esperamos que a próxima compra da Gisela seja bem equilibrada.

"Vimos à sua presença" ou "viemos à sua presença"?

Vimos é presente do verbo vir, enquanto **viemos** é passado do mesmo verbo.

Exemplos: "**Vimos** agora, nesta oportunidade, para manifestar nosso apoio", "**Viemos** ontem, porque a audiência começa muito cedo".

Vimos também é o passado do verbo **ver**.

Veja: Eu **vi** / tu **viste** / ele **viu** / nós **vimos** / vós **vistes** / eles **viram**.

Suco indigesto

"Eduardo pediu um suco de cajú, que não fez bem ao seu estômago."

Nem poderia! Em regra, palavras oxítonas terminadas em u não são acentuadas, sendo exceções as palavras oxítonas em que o u esteja sozinho na sílaba (seguindo ou não de s), formando hiato com uma vogal precedente. Ex.: B**aú**.

Período correto: "Eduardo pediu um suco de **caju**, que não fez bem ao seu estômago."

Foco da câmera

"José comprou uma câmara fotográfica, mas esqueceu de carregar o aparelho e não conseguiu tirar foto nenhuma."

Câmara fotográfica? Sim, está correto.

Veja:

Câmera ou **câmara** são termos legítimos para designar o mesmo conceito. Ambas as formas são reconhecidas pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.

Quando devo usar "te" ou "ti"?

Não há coração apaixonado que não se desencante com uma declaração de amor do tipo "Eu ti amo".

Não se enganem mais ao empregar os pronomes oblíquos te e ti.

A forma **ti**, com "**i**", é **tônica**, já a forma **te**, com "**e**", é **átona**.

Não ajudou muito, não foi? Vamos tentar esclarecer de outro modo. **Ti** sempre é acompanhada de **preposições** (**a**, **contra**, **de, em**, **por** etc.). O mesmo não ocorre com **te**. Exemplo: Eu **te** amo é Eu amo a **ti**.

Xingamento

"Liliane chamou a colega de trabalho de mocréia, mas ela nem ligou."

Nem poderia se incomodar.

De acordo com o Novo Acordo Ortográfico de Unificação da Língua Portuguesa, não se usa mais acento em ditongos abertos **éi** e **ói**, nas palavras paroxítonas.

Frase correta: "Liliane chamou a colega de trabalho de mocreia, mas ela nem ligou."

Médico juvenil

"Ingrid levou seu filho ao médico ebiatra."

Como? Essa palavra não existe!

O correto é **hebiatra**, o nome do médico especialista em atender jovens e adolescentes (10 a 18 anos).

Frase correta: "Ingrid levou seu filho ao médico **hebiatra**."

Queimando

"A queimada não está controlada, haja visto as contínuas imagens reveladas pelos satélites."

Nem poderia ter controle.

Haja vista é uma estrutura semântica invariável, sempre permanecendo inalterada independentemente da frase em que esteja inserida. Ex.: **Haja vista** os bons conhecimentos adquiridos, faça sempre bom uso deles.

Frase correta: "A queimada não está controlada, **haja vista** as contínuas imagens reveladas pelos satélites."

Cícero e a palavra

Por Raquel Naveira*

As palavras estão carregadas de dinamite. Ninguém provou tanto esse poder quanto Cícero, o filósofo, orador, político e advogado da antiguidade romana. Em minhas duas formações acadêmicas, Direito e Letras, deparei-me com ele, com sua figura de toga branca e cabeça coroada de louros, com seus ensinamentos. Posso imaginá-lo na tribuna com sua mente versátil, seu poder de convencimento, sua retórica de mestre.

O tratado que Cícero escreveu sobre a amizade é uma das mais belas páginas que li. Lições que me têm acompanhado como estímulo e conforto em várias situações. Não é lindo ponderar que as coisas humanas são frágeis e perecíveis, que devemos procurar amigos a quem amemos e pelos quais sejamos amados? Que sem amizade e sem bondade a vida não tem prazer algum? Que devemos suportar todos os sofrimentos porque eles são breves, mesmo quando são difíceis? Que sem virtude a amizade não pode existir? Que consolo é cultivar amizades. Fiz sempre de meus alunos grandes amigos. Busquei também a amizade dos meus pares, os escritores, vivos ou mortos, como fonte de eterna afeição. Desejei ardentemente atingir a meta em companhia daqueles que seguiram a carreira das armas, que são as letras.

Impressiona a forma como Cícero lutou pelo ideal das leis e do estado de Direito. Durante a segunda metade caótica do século I a. C, marcada pelas guerras, pela ditadura de Júlio César, pelo tumulto político, pela confusão civil, pela infraestrutura minada de corrupção que sabotava a liberdade, Cícero tentou salvar com todas as forças esse valor fundamental da República. Perseguiu de forma implacável os traidores, os inimigos da democracia, procurando derrubar as conspirações com seus discursos inflamados. Um desses inimigos foi Catilina. As célebres "catilinárias" são até hoje exemplos estupendos de como se faz um libelo, ou seja, uma peça de acusação capaz de deixar o opositor encurralado. Cícero enumera os excessos de Catilina e seus seguidores, denuncia seus simpatizantes como patifes e ladrões. E quando pairava alguma dúvida, na sua autoridade como cônsul do Senado, utilizava de um recurso infalível: perguntas. Uma torrente de perguntas já contendo em seu bojo as evidências e as respostas. Vejo-o bradar: "Até quando, Catilina, abusará de nossa paciência? Quanto zombará de nós ainda esse teu atrevimento? Onde vai dar tua desenfreada insolência? Não vês a todos inteirados da tua já reprimida conjuração? Julgas que algum de nós ignora o que obraste na noite passada, onde estiveste, a quem convocaste, que resolução tomaste?" Cícero parece capaz de penetrar nos acontecimentos, com aguda lucidez.

Catilina foge, conspiradores são estrangulados, mas Cícero ainda enfrenta o cônsul Marco Antônio, a quem julgava fraco e desprezível. Depois teve que encarar o terceiro cônsul, Otávio, que já se preparava para se tornar o imperador Augusto e dar fim total à República. Cícero, que tinha o apoio e a admiração da multidão, foi exilado, apanhado numa liteira quando tentava embarcar num navio para a Macedônia. Cortaram-lhe a cabeça e as mãos, que foram pregadas no Fórum Romano. A esposa de Marco Antônio arrancou-lhe a língua e a trespassou com seu gancho de cabelo numa vingança contra o seu dom de falar. Mais tarde, o filho de Cícero anunciou a derrota naval de Marco Antônio ao sair do Egito e o imperador Augusto reconheceu que Cícero tinha sido um cidadão sábio que amara sua pátria.

Conheço tão bem essa história. Dei aulas de Literatura Latina por vários anos. Coloquei em meus filhos os nomes de Augusto e Otávio. A menina não se chama Cleópatra, é Letícia, minha alegria.

São inúmeras as passagens bíblicas que falam sobre a língua e o poder das palavras para bênção e maldição. Que os homens serão absolvidos ou condenados pelas palavras que tiverem dito. Que se alguém não tropeça no falar é perfeito, capaz de dominar todo seu corpo. Que a língua é um pequeno órgão, mas pode atear fogo num bosque com uma simples fagulha. Que pode contaminar a pessoa por inteiro e incendiar o curso de sua vida.

Que tempo o nosso. Por toda parte línguas que açoitam, afrontam, tramam destruição, navalhas afiadas, cheias de engano e mentira, espadas, flechas envenenadas, armadilhas mortais, peçonha de víboras, lábios de falsidade. Palavras carregadas de dinamite. Perturbação nos ares. Mesmo amordaçada, a chama que alimentou Cícero vibra em meu coração de humanista.

*Raquel Naveira é da Academia Sul-Matogrossense de Letras.

O pai eterno de João Silvério Trevisan

Por Vera Lúcia de Oliveira

"Quantos caminhos um homem deve andar/ Pra que seja aceito como homem/ Quantos mares uma gaivota irá cruzar/ Pra poder descansar na areia...", diz a canção de Bob Dylan. Assim foi, e de certa forma tem sido, a trajetória do escritor brasileiro João Silvério Trevisan (1943-...). Nesses quase oitenta anos de vida, andou por caminhos tortuosos, desde a infância em Ribeirão Bonito, no interior de São Paulo, onde foi até apedrejado pelos colegas, e vagou, melhor, caiu e rolou na estrada como a pedra da canção "Like a Rolling Stone" (também de Bob Dylan), autoexilado em vários países, sem lar, como um total desconhecido para, depois de muitas odisseias, se estabelecer como um dos grandes romancistas do nosso país, apesar do pouco reconhecimento ao seu talento.

João Silvério nos conta com muita emoção sua história dolorosa no autobiográfico *Pai, Pai* (RJ: Alfaguara, 2017). É um livro para os fortes, pois dói na alma acompanhar a infância sofrida do menino que trabalhou feito gente grande e muito apanhou sem saber por que, o que o fez sentir-se culpado, transferindo a vergonha que seria do pai para si próprio, numa inversão de posições. Foi espancado pelo "pai patrão", homem bruto de quem guardou um pote de mágoa, e muito trauma, como se vê no livro, cuja frase inicial já impacta o leitor: "Tudo que meu pai me deu foi um espermatozoide." (p. 7). No entanto, busca compreender esse pai tão difícil:

João Silvério Trevisan

"Sim, há um grande risco de que eu esteja sendo injusto. Meu pai me abriu caminho para ser quem eu sou, e aqui estou escrevendo por sua causa. Sei da temeridade de conspurcar a imagem de um morto, e com isso me petrificar numa estátua de mágoa, como muitas vezes fui tentado, ao olhar o passado em busca de conforto." (p. 6 e 7).

Assim se inicia esse livro arrebatador do filho autor que, perto dos setenta anos, começa a escrever sobre o pai José, que o marcou "com o ferro em brasa do seu sobrenome" Trevisan. (p. 8). Escreve para, numa espécie de catarse, exorcizar o passado, tentar entender quem foi esse homem cuja ausência tem marcado a sua existência como um fantasma que quer ser compreendido. E o filho mal-amado avisa: "esta será uma conversa de homem pra homem, entre mim e meu pai. Ele terá que ouvir. Tudo. Em todos os lugares onde estiver." (p. 9).

José Trevisan e seus irmãos eram filhos de italianos. Pobres, trabalharam juntos no comércio de panificação, e exibiam na fachada da casa o nome "Padaria e Bar Brasil", de que se orgulhavam. Foi nessa padaria que o pequeno João Silvério comeu o pão "mirrado e borrachento" que o pai amassou. Franzino, fazia entrega dos pães com um grande cesto, pão, cada vez mais, da pior qualidade, que o fazia ouvir reclamações e xingamentos. Lembra-se da "cesta de bambu, grande para o meu tamanho" (p. 25); foi também nesse bar que o pai se tornou alcoólatra. Esse o vício que o levou à decadência física, moral e material. Apesar de trabalhador, o negócio não resistiu por muito tempo, e o pai "pinguço" levou a família à miséria. Tornou-se violento: espancava a mulher e o primogênito João que, menino sensível, povoava a sua solidão com as canções do rádio, que o faziam chorar de tristeza e emoção. Cedo descobriu a arte. Nas matinês, apaixonou-se por Tarzan, pelo Zorro e pelo cinema (tornou-se mais tarde grande roteirista). E esse caminho foi ainda o motivo do desgosto do pai "machão" que via muito mal a inclinação homossexual do filho, para ele, ovelha negra.

As lembranças da infância infeliz e desamparada são muitas: as surras que a mãe levava de madrugada e que o enchiam, e aos irmãos, de terror; os chutes e "tapaços" imprevistos do pai, mostrando todo o seu ódio e brutalidade ("sem nunca compreender por que me espancava"); os fregueses xingando o pai de "bêbado, pinguço, cachaceiro ou pau-d'água" (p. 35); a bicicleta prometida todo ano no Natal, que nunca chegou. E numa passagem revoltante, conta-nos do "batismo", quando, sem saber nadar, foi jogado no rio por um bando de colegas perversos que, ao vê-lo quase se afogando, riam e gritavam que era para ele "aprender a ser homem". (p. 54). Respondeu àqueles sádicos: "Sou homem, sim, mas não quero ser igual a vocês." (p. 55). Aquele foi o seu batismo; o rio, o seu Jordão, disse. Doloroso rito de passagem, mas uma bênção, como considerou: "Inadvertidamente, eu iniciava o meu processo de ser outro, um homem, sem deixar de ser o mesmo filho de José, o cachaceiro." (p. 55).

João Silvério, como o bíblico Esaú, outro mal-amado, teve recusada a bênção do pai e, como Cam, o filho amaldiçoado de Noé, que o viu bêbado e nu, teve, porém, a bênção da mãe, Maria, que o salvou com seu amor, bondade, compreensão e, com muito sacrifício, deu-lhe os primeiros livros para ler, o que lhe abriu espaço para a arte e o ajudou a escapar do pai tirano na ida para o seminário. O primeiro de muitos exílios. (É muito interessante a semelhança entre a infância pobre com pai alcóolatra, os estudos no seminário, a perda da fé católica e depois o autoexílio de James Joyce e João Silvério Trevisan.

O seminário, onde estudou como bolsista, foi parte fundamental em sua alta cultura, sobretudo na formação em Filosofia. Apesar de mais tarde ter rompido com a religião, lá engajou-se nas mudanças progressistas da Igreja Católica; apaixonou-se secretamente por colegas e pela música erudita; foi despertado para a literatura: escreveu seus primeiros contos e descobriu a vocação de escritor, roteirista e cineasta, seguindo carreira premiada por sua extensa obra como romancista, a exemplo do espetacular *Ana em Veneza* (1994), que, sozinho, poderia ter lhe dado o Nobel, como afirmou a gerente de literatura da Eichborn, no lançamento em Berlim, em 1997, onde o livro foi o carro-chefe da editora alemã na feira.

Mas a busca do pai continua. Diz ele:

"Para além da fase do seminário, o processo alquímico de esculpir dentro de mim a figura perdida de pai se desdobrou para vários outros homens (educadores ou não) que exerceram a função paterna no processo de minha formação." (p. 138).

Foi com Paulo Emílio Salles Gomes (e depois com o lendário Francisco Julião, que lhe abriu a casa no México), cuja generosidade marcou a vida do ex-seminarista, que entrou em contato com as primeiras ideias libertárias. Como pai espiritual, exercendo a função paterna, a presença do cineasta ao lado da mulher, a bela Lygia Fagundes Telles, ajudou-o a ressignificar a falta de José, iniciando um longo processo de amadurecimento e busca de perdão ao pai.

Teve também vida devassa (menino malcriado?) numa tentativa inconsciente talvez de desafiar os valores do pai, para dele se libertar e tornar-se quem sempre fora. Essa é a via-crúcis do livro: um homem às voltas com a dor da perda, com sua rebeldia e inquietação sexual e existencial, com seus amores expressos e "fora-da-lei", quase naufragando na nau dos insensatos, matando um leão por dia para sobreviver. Jamais perdeu a dignidade de ser humano e cidadão honrado sempre a favor dos excluídos e militante da causa LGBT.

Nesse *Pai, Pai*, título plurissignificativo pela repetição da palavra, temos o duelo do filho com a imagem do pai, tão infeliz quanto digno de pena, a quem demorou trinta anos para compreender; do filho, já homem maduro, que busca apoio na arte e na psicanálise (como um Édipo às avessas tentando decifrar a si mesmo) e em todos os exílios onde se perdeu e se achou para aceitar a rejeição paterna – sua verdadeira orfandade – buscando o amor de outros homens, pois tudo o que sempre quis foi tão somente o abraço do pai. E a marca do "nome-do-pai", como disse Lacan.

Livros e Autores

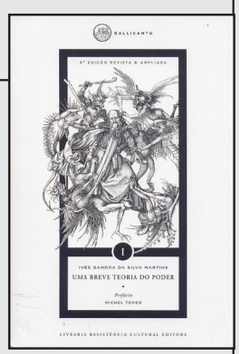
Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

Dona Januária, a Princesa da Independência

Destinado aos estudiosos de História do Brasil e leitores em geral, *Dona Januária, a Princesa da Independência* (Ed. Senac, 2022) traz informações inéditas da segunda filha de dom Pedro I, nascida no ano em que o Imperador deu o grito da Independência às margens do rio Ipiranga. A trajetória de Dona Januária é resgatada a partir de uma pesquisa relevante e minuciosa feita de modo brilhante pelo autor D. Carlos Tasso de Saxe-Coburgo no acervo de cartas da Família Imperial. A obra passa pelo casamento das irmãs mais novas de D. Pedro I, pelo noivado de Dona Januária com Conde d'Áquila, o casamento e a posterior intriga deste com D. Pedro II alimentada pelo mordomo-mor Paulo Barbosa, a partida do casal para a Europa, a vida dos dois em Nápoles, a chegada dos filhos, o fim do Reino das Duas Sicílias, o exílio na França e o fim humilde dos Áquila, tudo isso fruto de uma pesquisa cuidadosa e ricamente ilustrada por litografias e documentos raros. Dom Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança é autor de vários livros e artigos históricos no Brasil e no velho continente, além de sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), entre outras distinções.

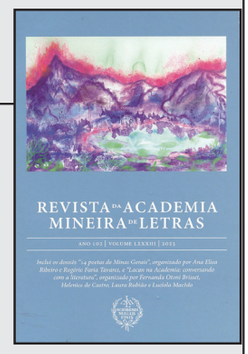
Diário dos Corações Apaixonados

A coletânea *Diário dos Corações Apaixonados* (Editora CRV, Curitiba 2023), organizado por Bayard do Coutto Boiteux e Matheus da Silva Oliveira, reúne 13 textos com reflexões de autores diferentes sobre o amor e suas infinitas capacidades. No prefácio, Marcelo Tessoroli explica: "O livro traz reflexões sobre a natureza humana e sobre a nossa capacidade de amar. Aqui você encontrará histórias inspiradoras, relatos emocionantes e reflexões profundas sobre esse sentimento tão especial." Na introdução, o professor Bayard Boiteux apresenta, de forma lírica, o propósito da publicação: "Aqui, cada um dos coautores buscou juntar vida, reflexão, fusão de luzes com um sangue que corre de forma coerente nas veias da solidão de encontros por onde passamos e nas lembranças de onde tivemos. É uma estrada que nos leva para um mundo de emoções, que poderiam ser guardadas a sete chaves, mas que foram desvendadas como um presente para cada coração que nos lê."
Com 82 páginas, a obra conta com a participação de Manoela Ferrari, Isis Penido, Alana Pronaia, Andréa Löfgren, Anne Brasileiro, Constança Carvalho, Cristina Braga, Hanna, Mônica Paixão, Patrick Sabatier, Rosane Menna Barreto Palha, Sylvia Faillace e Viviane Fernandes – todos membros da Associação dos Embaixadores do Turismo do Rio de Janeiro.



Uma Breve Teoria do Poder

A Editora Resistência Cultural lançou a 4ª edição – revista e ampliada – de *Uma Breve Teoria do Poder*, de Ives Gandra Martins.
Um dos livros clássicos de nossa literatura política, a obra defende que, em todos os momentos da história, os detentores do poder se preocupem antes com a manutenção de suas posições de mando que em prestar serviços à sociedade. Partindo de reflexões filosóficas, análise histórica, formatações jurídicas, conformações econômicas, vivência política e considerações sociológicas, o estudo aponta os fatos, da realidade do poder e de seus detentores, procurando demonstrar que o poder se justifica por si mesmo. Servir aqueles que lhe são subordinados, constitui, de rigor e apenas, efeito colateral ou, na maioria dos casos, campo de manipulação demagógica, como o correr dos séculos tem demonstrado. Por isto, denominou-a a autor breve, adjetivo mais aplicável à história do que às teorias, mas, no caso, justificável, pois seu foco central é, exclusivamente, o homem detentor do poder. Essa 4ª edição vem enriquecida com prefácio de Michel Temer, constitucionalista emérito e ex-presidente da República. Um dos mais notáveis juristas e filósofos da história do Brasil, Ives Gandra da Silva Martins é membro da Academia Paulista de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia, entre outras.

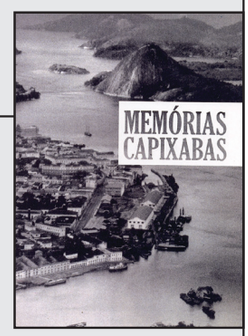


Revista da Academia Mineira de Letras

A 83ª *Revista da Academia Mineira de Letras*, de 2023, mantém a estrutura e a qualidade dos volumes anteriores. Com a versão digital integralmente disponível no site da Academia, a coletânea inclui biografias de dois antigos acadêmicos: Juscelino Kubitschek de Oliveira, por Angelo Oswaldo, e o padre Pascoal Rangel, pelo Pe. José Raimundo Costa. Há, ainda, dois dossiês: 14 poetas de Minas Gerais, organizado por Ana Elisa Ribeiro e Rogério Faria Tavares. E Lacan na Academia: conversando com a literatura, organizado por Fernanda Otoni Brisset, Helenice de Castro, Laura Rubião e Lucíola Macêdo, desenvolvido em parceria com a seção mineira da Escola Brasileira de Psicanálise. O poema usado na epígrafe da revista é de Flávia de Queiroz Lima. Na orelha da obra, o presidente da Academia Mineira de Letras, Jacynto Lins Brandão, explica a escolha dos versos: "O poema dedicado à Dra. Nise da Silveira serve de elo entre os dois conjuntos, ao tangenciar o tema das relações entre literatura e psicanálise, que tomam como objeto aquilo que 'Mora no estreito e recôndito/ – um poço sem fundo e borda?'"Na apresentação, o acadêmico Rogério Faria Tavares agradece o esforço coletivo para a publicação do quinto volume da revista, lançado em seus quatro anos como presidente.

As Aventuras da Princesa dos Sapatinhos Dourados

As Aventuras da Princesa dos Sapatinhos Dourados (Edições Consultor) é o 21º livro destinado ao público infantojuvenil do acadêmico Arnaldo Niskier. O motivo da inspiração para essa publicação é mais do que justificado: a obra é dedicada à primeira bisneta, Sofia Niskier Saadia – a "princesinha" do texto (e da família). Com belíssimas ilustrações do craque Cláudio Duarte, as 20 páginas narram o cotidiano da "linda Sofia" (título do primeiro capítulo), que inclui "As visitas ao parque", "A boneca favorita", "O grande comício", "A corrida", "Ela queria ser pintora" e "Passeio no parque". Na apresentação, o autor fala das transformações que a bisneta trouxe à família: "Ela mudou por completo a nossa maneira de ver as coisas. Prá melhor, sem dúvida. Conviver com Sofia é, desde logo, uma das coisas maravilhosas da vida. Somos gratos a Deus por isso. Afinal, seus olhos são verdes, que é a cor da esperança." Membro da Academia Brasileira de Letras, entidade que presidiu durante dois anos (1997-1998), Arnaldo Niskier é diretor responsável do Jornal de Letras. Foi também secretário de Estado de Educação e Cultura do Rio de Janeiro em quatro oportunidades. Entre suas obras, está a construção do Planetário da Gávea, uma alegria para as crianças.



Memórias Capixabas

O livro *Memórias Capixabas* (2022), com o selo da Academia Espírito-santense de Letras (AEL), em conjunto com a Prefeitura Municipal de Vitória, foi organizado pelo acadêmico Fernando Antônio de Moraes Achiamé. A coletânea reúne crônicas, artigos e poemas de literatos abrigados em diversas instituições acadêmicas existentes no estado capixaba, além da participação de jovens que tiveram seus escritos aprovados. A antologia abriga, portanto, visões de escritores consagrados, com vasta e produtiva obra publicada, como a presidente da AEL Ester Abreu Vieira de Oliveira, ao lado de iniciantes promissores na arte da palavra. "O amor ao Estado do Espírito Santo os une", explica Achiamé: "O resultado final representa amostra multifacetada do sentir capixaba na época que vivemos. Muitos os acasos contados, as reminiscências extraídas da memória afetiva; diversificadas as pessoas relembradas, as paisagens descritas, os cenários de novo iluminados, os tempos evocados, as infâncias e juventudes tão próximas ou distantes, tão iguais e deferentes... As terras capixabas são mostradas de modo variado."
A obra *Memórias Capixabas* integra um termo de fomento da AEL com a Secretaria Municipal de Cultura de Vitória. A gestão do prefeito Lorenzo Pazolini e do secretário de Cultura Luciano Gagno dá continuidade ao projeto "Incentivo à Cultura Literária".

Funções do numeral cardinal

Por José Augusto Carvalho*

O nome *cardinal* vem do adjetivo latino *cardinalis*, que significa "principal", de onde a expressão *cardinales numeri*, isto é, "números principais, que servem de base a outros". É da palavra *cardinalis*, latina, que vem o substantivo *cardeal* para designar o prelado religioso e o adjetivo que designa os pontos principais de orientação (*pontos cardeais*).

Um gramático ensina que se deva dizer "anos sessentas", flexionando-se o numeral cardinal. A ideia básica é a de que, se dizemos que há dois sessentas no número 6060, então devemos também dizer "anos sessentas", já que a dezena se repete a cada ano: 1961, 1962, etc. O argumento não é convincente, e a lição carece de respaldo documental, uma vez que não existe usuário culto da língua (escritor, filólogo, linguista) que pluralize o cardinal depois do nome.

O numeral cardinal tem basicamente duas funções semânticas e duas funções sintáticas, dependendo de sua posição em relação ao substantivo. Se vem antes do nome, o numeral cardinal participa da natureza do pronome indefinido, mas é quantificador determinado, e sua função semântica é de numerativo (na terminologia de Halliday e Hasan, no livro *Cohesion in English*, London: Longman, 1976, p. 40-41). Sintaticamente, é um adjunto adnominal. Nessa função, alguns numerais cardinais se flexionam, como um, dois e os terminados em –entos. Ex.: duas casas, duzentas obras. Mas, variando ou não, o numeral cardinal, na função semântica de numerativo e na função sintática de adjunto adnominal, é sempre um determinante do nome.

Quando vem posposto ao nome, porém, o numeral exerce função semanticamente classificatória e sintaticamente apositiva (aposto especificativo) e é invariável: prédio dois, casa um, apartamento cento e um, revólveres 38, calibre 45, anos sessenta.

Em seu emprego isolado, isto é, como núcleo de um sintagma nominal, o numeral cardinal também funciona como um pronome indefinido, como um quantificador determinado. Cf.: "Pedro, José, Maria e Clara não voltaram ainda. Os quatro saíram cedo, todos com pressa." Segundo Halliday e Hasan, p. 147 e ss. da obra citada, só existe elipse nominal quando o nome elidido é recuperável anaforicamente, e um termo periférico do nome elidido assume a função nuclear. Assim, o termo "os quatro" da frase acima, sujeito de "saíram", não pressupõe a elipse de nenhum substantivo e equivale ao emprego de "todos", sujeito da oração seguinte.

Quando se diz "prova dos noves", "os oitos", "os cincos", o numeral passa a ser substantivo (derivação imprópria) e flexiona-se em número. Como substantivo, o numeral cardinal pode exercer uma função nuclear (de sujeito, de predicativo, de objeto direto, de objeto indireto, de complemento nominal) ou uma função periférica (de adjunto adnominal ou de aposto). Assim, por exemplo, temos: "Os quatros que ele desenhou parecem noves", "Gostei dos oitos que ele desenhou", etc.

Em sua função classificatória, o numeral cardinal é invariável porque é um aposto especificativo, como em "professores adjuntos quatro". Os termos que exercem a função de apostos especificativos pospostos ao fundamental, normalmente não se flexionam, como, por exemplo, sequestros relâmpago, desvios padrão, operários padrão, comícios monstro, vestidos laranja, tons pastel, elevadores Nacional, contas fantasma, cópias xerox, etc. Esses apostos às vezes se confundem com palavras compostas, como em: bananas-maçã, canetas-tinteiro, mangas-rosa, salários-família, em que o segundo elemento não varia por restringir a significação do primeiro ou por indicar-lhe destinação ou fim (como em navios-escola). Se o segundo elemento não restringe a significação do primeiro, ambos geralmente variam, como em: cartas-bilhetes, cirurgiões-dentistas, decretos-leis, etc. No caso do numeral, se ele exerce função classificatória (de aposto especificativo), só o fundamental varia: revólveres trinta-e-oito (e não "trintas-e-oitos"), anos sessenta (e não "anos sessentas"). Se o aposto especificativo não for um numeral cardinal, ele pode confundir-se com um adjunto adnominal e flexionar-se, como em Casas Pernambucanas (Cf.: Casas Aurora, Livrarias Santana, Lojas Pet, Óticas Visual etc.). Atente-se para o fato de que em nenhuma língua neolatina o numeral cardinal posposto ao nome se flexiona. Cf. "les années soixante", "los años sesenta" etc. Não há, pois, nenhuma razão para pleitear que o numeral posposto ao nome se flexione em português. Em italiano, o século pode ser designado pela centena que o caracteriza, como, por exemplo, "l'ottocento", que indica o séc. XIX.

Equivocam-se, portanto, os que pleiteiam a flexão do numeral cardinal posposto ao nome. A única exceção se dá com o nome "página" (ou "folha"). Com "página", no singular, o cardinal posposto fica sempre invariável; com "páginas", no plural, o cardinal posposto pode flexionar-se em gênero: "à página dois", "a páginas duas" (Cf. BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999. p. 207.) Essa concordância excepcional do cardinal posposto ao nome origina-se talvez da analogia com a expressão "a folhas tantas", "a páginas tantas".

A função classificatória também é exercida pelo pronome possessivo. Quando digo "meu livro", estou dizendo que possuo o livro. Mas, quando digo "meu avião sai às 10h", ou "minha poltrona no cinema é par", não estou indicando posse, mas classificando.

---

*José Augusto Carvalho, entre outros títulos, é mestre em Linguística pela Unicamp, doutor em Letras pela USP e autor de uma Gramática superior da língua portuguesa, editada pela Thesaurus de Brasília, em 2011.

Desumanidade humana

Por José Eduardo Coelho

Aquele (a) ao relento da madrugada sofre espiritualmente deitado (a) no espaço tijolado do jardim.

Coberto (a) com uma lona plástica finíssima que forra o piso como a usada pelos pintores, ele (ela) sente a friagem:
por falta de assistência e alimento o metabolismo enfraquece.

Judiação para o espírito humano: tanto tempo fora de um lar familiar, um ou outro fecha os olhos definitivamente para o além.
Oremos por esses sofredores: Pai Nosso! Ave Maria.

Mensagem datilografada recebendo lágrimas sentidas dos olhos e espírito de Neiva.

Foto de Santiago Mitre / www.pexels.com

Muito sal, pouca luz

Por Gabriel Chalita*

"Está bom, mas está com muito sal". Foi a única frase que meu marido pronunciou durante o almoço. O restante do tempo, ele revezou entre o silêncio apático e o olhar interessado nas mensagens que chegavam em seu telefone.

Eu já devia ter tomado uma decisão. Não é de hoje que sei que ele se alimenta de outras histórias. Eu relevei com receio das crianças, quando eram crianças. Hoje, nossos filhos estão casados. Moramos apenas nós dois. Eu não dependo dele para nada. Ganho, inclusive, mais do que ele.

Sou decidida na empresa que dirijo. Sou objetiva na tomada de decisões e na dispensa do que não contribuiu para as metas do meu negócio. Com ele, sou vagarosa. Vez em quando, pergunto a mim mesma a razão. Comodismo? Receio de começar uma outra história? Medo de não ter ninguém? Será que tenho alguém? Será que fiz certo ao permanecer pela felicidade dos meus filhos? Ou será que inventei, para mim mesma, que era por causa dos meus filhos?

Saí sozinha depois de ajeitar as coisas na cozinha. Ele nunca pergunta onde eu vou. Melhor. Saí andando sem grandes decisões. O dia estava cortado por um calor incomodativo. Eu estava mais uma vez cortada e repetindo, a mim mesma, a frase do "muito sal". Nem um elogio. Nem um olhar para o vestido novo. Nem um dizer romântico. Eu sei que estou bem fisicamente. Cuido de mim com prazer, com o prazer dos meus sessenta anos.

Entro em um cinema. Não há ninguém no cinema. O que me traz uma sensação dúbia. Uma, a de que é tudo para mim, a sala inteira. Outra, a de que estou sozinha. Inegavelmente sozinha. A pouca luz do cinema e a ausência de qualquer outra vida fazem minha vida pensar. O filme toca a solidão em mim. A música. Os diálogos. O desfecho.

Onde mora a coragem mesmo? Por que permanecer em uma história de amor sem amor? Falamos nada um ao outro. E não sou das que culpam o tempo. Conheço casais que reinventam a forma de estar, mas estão. Que apalpam a cumplicidade, que desligam outros interesses para prosseguir interessado em quem dorme ao lado.

Sou uma mulher apaixonada pelo que faço. Gosto de gostar das pessoas. Gosto de dizer das delicadezas que perfumam os meus dias e das quenturas nas escolhas necessárias do exercício do meu poder. E o poder sobre mim? Quando vou aprender a exercer?

Uma amiga me diz para fazer o mesmo, para providenciar amantes. Eu ouço e demito a ideia. Não seria eu. Sou compositora de enredos de amor. Não sou do físico sem laços imateriais. É a alma que me preenche. Foi assim nos namorados de antes. Foi assim nos nossos inícios. E, se um dia eu puder abrir um novo caderno para escrever uma nova história, terá que ser também assim, com amor.

Amo amar. Amo sentir os sentimentos multicores que pintam de sorrisos os meus dias. Amo arrumar a minha casa para que seja frequentada. Com doçura. O riso sem riso, a conversa sem conversa, o silêncio sem silêncio são comportamentos que não comportam uma história de amor. Cultivo a inteireza dos instantes e ouço a voz dos que falam comigo. Jamais desligo histórias bonitas que me contam.

Já quase nada conto ao meu marido. Sempre tão distante. Quando se aproxima, é para dizer do excesso do sal. O cinema me inspira a responder da pouca luz. Vou conseguir retirar o véu do medo do novo para permitir ao meu riso que ria com quem quer rir comigo, que converse com quem gosta das minhas conversas e que, inclusive, ache interessante algumas rugas que me emprestam a sabedoria dos tempos para ter histórias para contar. O filme está chegando ao fim. O meu, também.

O vestido que ele não reparou vou prosseguir usando. E, os medos de recomeços, vou conseguir enfrentar. Ainda quero, antes do meu entardecer, beijar um homem no fim de um dia, num cenário nosso. Ainda quero desdizer a mim mesma, quando manda permanecer. Talvez eu tenha salgado demais a comida pela falta de sabor.

A pouca luz do cinema me lembra de que tenho o poder de iluminar. Não nasci para comer comida morna. Nem para jejuns de palavras carinhosas. Nasci para abrigar a quentura dos corpos que se encontram e das almas que se beijam. Nasci para nutrir um amor verdadeiro que não precise de outras lamparinas para acender sua luz. Que me ame no amanhecer ou na penumbra e que não brinque de desatenção.

Depois que conseguir começar, conto o que aconteceu.

---

*Gabriel Chalita é membro da Academia Paulista de Letras.

Escorpiano

Por Antônio Máximo

Chovia muito naquela noite. Rando Merla dirigia com cuidado, olhava os retrovisores, a sua esquerda, a sua direita, a coluna de carros que seguia atrás obedecendo o limite de velocidade, sem nenhuma transgressão, exatamente como seu Mapa previra. Pensou em baixar os olhos e olhar para o Mapa impresso, aberto no banco vazio ao seu lado. Era melhor esperar chegar no Rio. Seguir a métrica do cálculo astrológico havia sido um passo fundamental; uma vez dado, pudera notar como sua vida se modificara.

Escorpiano, Merla conseguira demonstrar as falácias que costumam tornar desagradáveis os nativos de sua referência no Zodíaco. Usava o Ciclo Trigonométrico em palestras, abrindo o Mapa no Primeiro Quadrante, quando a Lua, em movimento no sentido anti-horário, formava o seno de 90 graus e alcançava o Primo, o Uno, o único múltiplo de todos os números, da Cabala aos Vedas, passando pelos Kodhekriabras da Índia.

Sua vida, que mudara tanto, ainda conheceria um novo momento de despertar, naquela noite chuvosa na Ponte. É que, na altura do vão central, após afastar o pensamento, limpá-lo da tentação de olhar o Mapa, percebe alguma coisa estranha no fluxo de tráfego, na monotonia obediente, linear, sempre presente nessas circunstâncias. A luz bruxuleante pela chuva, combinada à ação do limpador de para-brisa, recortava a Ponte lá fora em imagens sincopadas e, numa delas, debruçando-se sobre a mureta, Rando viu o pacote. Restava que a moto abandonada, jogada na pista, indicava um ser que deveria ser de luz às trevas em voo de precipício à Baía da Guanabara.

Na mureta da Ponte, o pacote não pensava no medo, olhava a imensidão do mundo que se abria para o voo final de uma vida atormentada, cheia de dívidas, o aluguel atrasado, a mãe esclerosada engatinhando pela casa e urinando com a perna levantada no pé da mesa da sala na frente dos netos.

Como a chuva aumentava a intensidade e porque a manobra até à mureta exigia cuidado, Rando Merla liga a seta, o alerta em seguida indicando que vai parar, passa devagar pela moto deitada na pista. Espírito benfazejo, Tigre Chinês, Ascendente Lunar em emulação simultânea. Nos traços do Mapa, existem muitos pontos de pequenos triângulos equiláteros que confundem – e confundem não apenas o leigo, mas também o próprio Iniciado, conhecedor do Cálculo, no esforço de fazer associações que revelem o mistério do dia, no caso, da noite, noite chuvosa na Ponte onde Merla não está em vão, pronto ao exercício da Profundidade, cuja intensidade é tão maior quanto avulta a característica em um Escorpiano, como ele, Rando Merla.

Agarra-se à predição de seu Mapa com toda a força do Signo que encarna e desce do carro andando para o homem fechado em si mesmo, pacote encharcado sobre a mureta, imóvel.

O homem parece perturbar-se, olha para Merla como uma aparição. Não tem certeza se boa ou se má. Merla, tranquilo, oferece-lhe a mão:

"Tudo bem, amigo?"

Eram olhos, de fato, amigos ao homem pacote, embrulhado, encharcado, pendendo sobre a escuridão que absorvia Ponte, noite e Baía.

"Aqui seria um bom lugar para alçar voo, se Ícaro fosse carioca, não acha, amigo?"

A surpresa do homem pacote foi de tal sorte que levantou o corpo, desembrulhando-se.

"Amigo, pensando bem, hoje, aqui na Ponte, debaixo desse temporal, seria o último lugar que Ícaro estaria pra voar, não acha, amigo?"

Após o estímulo inicial, o homem desinteressou-se, voltou-se para a escuridão.

O serviço da Ponte chegava junto com uma van dos bombeiros. O homem senta na mureta. A situação piora com o sudoeste varrendo o vão central, balançando todos.

A perseverança escorpiana resumia Rando Merla. Aliás, era a ferramenta destacada pelo seu Mapa Astral para uso naquela noite.

A equipe da Ponte já iniciava os procedimentos, afastando Merla.

"Meus amigos, sei do protocolo, mas, creio que todos aqui acreditamos na Mãe Natureza. Ela opera muitas vezes sem sentido para os nossos sentidos limitados, restritos ao que vemos, ouvimos, comemos e bebemos. A propósito, quanto pão que o Diabo amassou e fel destilado em água nada benta este nosso amigo ali, à espera de um sinal maléfico que sempre vem, não digeriu em anos que amargurou e verteu em contrição em vão que pretendeu a um ponto, a ponto de pegar da sua moto, largá-la na pista e sentar na mureta? Deixem-me ajudá-lo?"

A peroração funcionou, e num átimo também a chuva estancou. A Ponte, agora, plataforma: em vez de lançar o infeliz, Ícaro descia à mureta e, à medida em que suas asas de cera ficavam molhadas, lavava a Ponte, secava, de vez, a chuva e amanhecia a noite com azul que desautorizava a morte, qualquer morte, da mureta, portanto, do homem pacote.

Ícaro levaria a angústia, o medo, os prejuízos em suas asas – podia ler Rando Merla de seus triângulos do Mapa. O homem pacote fala:

"Rando Merla, isso?"

"Isso."

"Minha mãe caiu de cama de um dia pro outro. Passou a não falar mais coisa com coisa. No seguinte, desceu da cama, engatinhou até o banheiro, parou no meio da sala e, então..."

O homem que se desempacotava hesitou entre o silêncio que não merecia e a exposição que não deveria.

Um bom escorpiano não desperdiça a paciência. A fama de impaciente não viria se conhecessem melhor os Astros, a Cosmogonia, a Paralaxe.

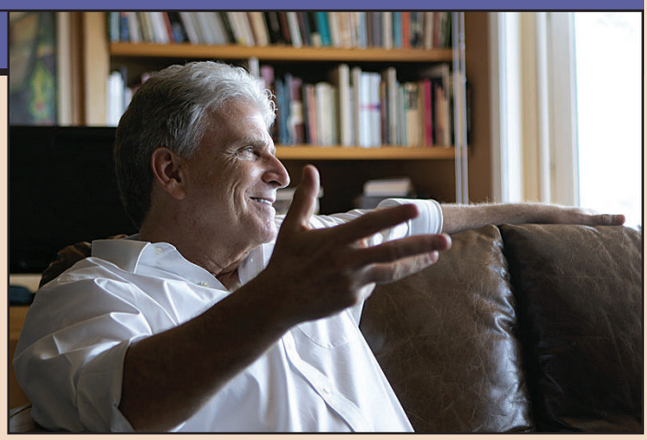
"Fale, meu amigo, desopile seu fígado."

"Minha mãe atravessou a sala, estancou, de repente, levantou a perna no pé da mesa. Meu filho, que é acumulador, se jogou no chão pra salvar o pacote de jornal do ano passado. Temia pelos efeitos sobre o papel velho da acidez da urina da avó."

Ícaro, bombeiros, equipe da Ponte, emocionados. O Mapa Astral dobrado sob o braço esquerdo de Merla. Em paz, afinal, volta para o carro.

A divina atuação de Gilberto Schwartsmann

Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com



O governador do Rio Grande do Sul Eduardo Leite anunciou o nome de Gilberto Schwartsmann para a presidência da Fundação Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Fospa), instituição vinculada à Secretaria da Cultura (Sedac). A secretária de Cultura Beatriz Araujo comemorou a indicação de Schwartsmann para o cargo: "Nossa orquestra está entre as mais importantes do país e contará, a partir de agora, com o entusiasmo e o dinamismo de quem já fez muito pela cultura do nosso Estado."

Defensor ativo do pensamento crítico e da valorização da ciência e das artes, o médico, colecionador, escritor e mecenas gaúcho Gilberto Schwartsmann contribui significativamente para a cultura do país, trazendo perspectivas inovadoras e multidisciplinares para diversos campos do conhecimento.

Sua paixão pelas artes, em paralelo à atuação como médico, professor e pesquisador traz um impacto significativo na formação de novos profissionais e na promoção de debates relevantes sobre questões éticas e culturais.

Autor de diversos livros e artigos que abordam temas variados em busca do sentido da vida, seus escritos e sua militância em prol da cultura trazem contribuições valiosas para a sociedade brasileira, desafiando padrões definidores e estimulando a reflexão sobre várias questões essenciais.

Entre as inúmeras iniciativas culturais, foi o criador e curador da mostra Caminhos de Proust – Cem Anos Depois, exposição que marcou o centenário de morte do escritor francês, na Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul, com enorme repercussão de público e crítica.

O convite para a presidência da OSPA foi feito pelo governador Leite a Schwartsmann durante a cerimônia de abertura da exposição comemorativa aos 184 anos de Machado de Assis. Em noite festiva na Biblioteca Pública do RS, várias personalidades foram condecoradas. Merval Pereira, presidente da Academia Brasileira de Letras e colunista do jornal *O Globo* veio a Porto Alegre acompanhado por seu colega imortal gaúcho Carlos Nejar. Também recebeu condecoração o governador Eduardo Leite, chamado por Schwarsmann de "governador da cultura". Leite liberou recursos para o salto dado nas obras do Complexo Multipalco, do Theatro São Pedro.

Biografia

Nascido no dia 18 de agosto de 1955, em Passo Fundo (RS), Gilberto cursou o primeiro grau no Colégio Israelita Brasileiro e completou o curso secundário no Colégio Estadual Júlio de Castilhos, ambos em Porto Alegre.

Medicina e literatura sempre andaram juntas na vida de Schwartsmann, que ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1973. Durante o período de graduação, foi monitor das disciplinas de Fisiologia e Medicina Interna. Dirigiu o Grupo de Estudos em Medicina Interna (GEMI) e foi membro atuante do Centro Acadêmico Sarmento Leite.

Formou-se médico em 1979 e foi escolhido orador da turma de formandos. Em seguida, foi nomeado presidente da Associação dos Médicos Residentes do Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

Em 1982, transferiu-se para o Reino Unido. Foi bolsista selecionado pelo Conselho Britânico, e posteriormente, pelo CNPq, para realização de Fellowship em Oncologia Clínica pela Universidade de Londres.

Em 1985, transferiu-se para a Free University de Amsterdam, como bolsista de doutorado da CAPES, tendo obtido o título de PhD em Oncologia Clínica e Farmacologia de Drogas Anti-Câncer nesta Universidade, em 1988.

Em 1989, foi aprovado em primeiro lugar em concurso público internacional para o cargo de Diretor do New Drug Development Office da European Organization for Research and Treatment of Cancer (EORTC), cargo que exerceu até 1992. Foi o primeiro oncologista latino-americano a receber tal distinção. No período, completou o seu pós-doutorado por meio do Programa Integrado de Desenvolvimento de Novas Drogas Anti-Câncer da EORTC e do National Cancer Institute dos EUA.

O colecionador começou a surgir ao longo da vida, despertado pela paixão literária. Primeiro, foram edições de *A Divina Comédi*a, de Dante Alighieri, em paralelo a Marcel Proust, obviamente, Ernest Hemingway, não parando mais.

Em 1993, retornou ao Brasil, onde foi aprovado em concurso público para docente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Departamento de Medicina Interna e no Serviço de Oncologia Clínica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

Foi professor-orientador do curso de pós-graduação em Bioquímica da UFRGS, professor do curso de pós-graduação em Clínica Médica e Ciências Médicas da UFRGS. Publicou 119 artigos científicos internacionais, além de vários capítulos e livros no país e no exterior. Participou de mais de 50 bancas examinadoras de dissertações, teses e livre-docências no país e no exterior, proferiu mais de 100 conferências em eventos oficiais no exterior e mais de 300 conferências no país. Integra o corpo editorial de vários periódicos internacionais.

Recebeu inúmeros prêmios e, entre outras instituições, é membro titular da Academia Nacional de Medicina (2003), diretor da Biblioteca da Academia Nacional de Medicina (2003-2004), membro titular da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina (2005), membro honorário da Real Academia de Medicina da Espanha (2004), doutor *honoris causa* pela Universidade Del Salvador de Buenos Aires, Argentina (2002). Membro titular do EORTC General Board (Bruxelas, 1990-1992); membro titular do EORTC New Drug Development Coordinating Committee (Londres, 1991); membro titular do USA National Cancer Institute/EORTC/UK Cancer Research Campaign Steering Committe (USA, 1991-1994); membro do Conselho Científico da Sociedade Franco-Brasileira de Oncologia (2002-), membro honorário da Sociedade Argentina de Oncologia (2003), membro do Global Summit in Breast Cancer, USA (2003) e docente do Programa de Educação da European Society of Medical Oncology (2006-2007).

Suas principais linhas de pesquisa estão direcionadas ao desenvolvimento de novas drogas anticâncer, sendo autor de duas patentes de novos medicamentos em desenvolvimento clínico.

Casado com a médica e historiadora Leonor Schwartsmann (com quem tem dois filhos, Laura Carolina e Guilherme), o casal vive num amplo apartamento de dois andares, no bairro Moinhos de Vento. É lá que acumula raridades e preciosidades, como primeiras edições em francês, inglês, espanhol e italiano de obras de James Joyce, William Faulkner, Thomas Mann, Fiodor Dostoiévski,

Tchekov, Tolstói (Os russos são outra de suas obsessões), além de quadros espalhados pelas paredes de artistas como Tarsila do Amaral, Burle Marx e Cícero Dias. Nos momentos de lazer, Gilberto é pianista e produtor de vinhos artesanais.

Escritor e dramaturgo, com obras traduzidas para o espanhol e o francês, em seu vasto currículo, o professor já presidiu a Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul e a Bach Society Brasil. Além de colecionador, Schwartsmann tem se destacado como mecenas. São poucos os eventos culturais realizados em Porto Alegre nos últimos anos que não tenham tido, de alguma forma, a sua significativa participação.

Atualmente, preside a Associação Theatro São Pedro e a Biblioteca Pública do Estado do RS. Ainda acumula as funções de diretor do Instituto de Oncologia Kaplan do RS e da Fundação SOAD de Pesquisas do Câncer. Desde 1993, faz parte do Conselho do Instituto do Câncer Infantil do RS, do qual é membro fundador.

Entre os livros publicados, estão *Gabinete de Curiosidades* (texto que foi adaptado para o teatro) e *Divina Rima: Um diálogo com a Divina Comédia*, de Dante Alighieri, além de *A Amante de Proust*, *Frederico e Outras Histórias de Afeto*, *Max e os Demônios*, *O Sol Brilhou na Corrúpnia*, *Acta Diurna* e *Meus Olhos*.

Por sua dedicação à disseminação do conhecimento, ao pensamento crítico e à busca por uma sociedade mais humanizada, Gilberto Schwartsmann traz um legado importante para a cultura brasileira. Sua influência reverbera nas mentes daqueles que se dedicam ao estudo e à compreensão das complexidades humanas, confiantes no enriquecimento intelectual e cultural do país.

Foto: Mauricio Tonetto/Secom

São poucos os eventos culturais realizados em Porto Alegre que não tenham a significativa participação de Gilberto Schwartsmann, aqui com o governador de Porto Alegre, Eduardo Leite.

O presidente da ABL Merval Pereira foi homenageado na Biblioteca Pública de Porto Alegre.

Livros publicados:

Frederico e Outras Histórias de Afeto (Editora Libretos, 2013)
Meus Olhos (Editora Sulina, 2019)
Acta Diurna (Editora Sulina, 2020)
Max e os Demônios (Editora Sulina, 2020)
Gabinete de Curiosidades (Editora Sulina, 2021)
Divina Rima: Um diálogo com a Divina Comédia de Dante Alighieri (Editora Sulina, 2021)
O Sol Brilhou na Corrúpnia (Editora Sulina, 2022)
A Amante de Proust (Editora Sulina, 2022)

Na Biblioteca Pública do Estado do RS: Marcelo Rech, Nilson May, Beatriz Araújo, Merval Pereira, Eduardo Leite, Gilberto Schwartsmann, Carlos Nejar, Jorge Gerdau, Mario Cavaletti e Alcides Stumpf.

Literatura Infantil

Por Anna Maria de Oliveira Rennhack

Visite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amor

Marina

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

Pelas palavras, sempre
envoltas em poesia,
pelas imagens, pintadas pela
imaginação,
por Você, que nos apresenta a
delicadeza
e a força da MULHER.
Parabéns!

ABL, 21 de julho de 2023

Marina Colasanti e Anna Rennhack comemoram o prêmio da escritora.

Marina Colasanti recebeu, no dia do aniversário de 126 anos da Academia Brasileira de Letras, o prêmio Machado de Assis, pelo conjunto da obra. Saudada pela acadêmica Rosiska Darcy de Oliveira, seu nome passa a integrar a relação de personalidades que receberam o mais antigo e importante prêmio da ABL: Cecília Meireles (1965), Mário Quintana (1980), Fernando Sabino (1999), Ana Maria Machado (2001), Ferreira Gullar (2005), dentre outros.

Marina nasceu em Asmara, na Eritreia, país africano e posteriormente seguiu com a família para a Itália. Chegaram ao Brasil em 1948 e a menina e o irmão Arduíno moraram durante um tempo no casarão do Parque Lage, com a tia-avó, a cantora lírica italiana Gabriella Besanzoni, esposa de Henrique Lage. Marina conta essa história no livro *Vozes de Batalha* (Tusquets, 2021).

Apesar da importância de sua obra para adultos (destaco *Minha Guerra Alheia* – Record, 2010, e *Hora de Alimentar Serpentes* – Global, 2013), a autora dedicou especial atenção aos livros infantis e sempre relata a alegria que sente quando é reconhecida por uma criança que leu um dos seus livros na escola.

A autora recebeu sete Prêmios Jabuti (da Câmara Brasileira do Livro – CBL) e vários prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ.

Tenho especial carinho e admiração por essa escritora incrível que nos surpreende com histórias mágicas e cativantes. Nosso relacionamento teve início no Grupo Record e continuou com os cruzamentos da vida. Em 2016, não mais na editora, recebi uma mensagem da Lucia Riff – agente muito especial –, que dizia que Marina tinha escrito um texto especial para mim, que já atuava em nova casa editorial. E assim nasceu *Tudo Tem Princípio e Fim*, com ilustrações da autora e uma dedicatória especial:

Anna querida, conseguimos mais um livro juntas. E este é ainda mais nosso porque foi feito para você.

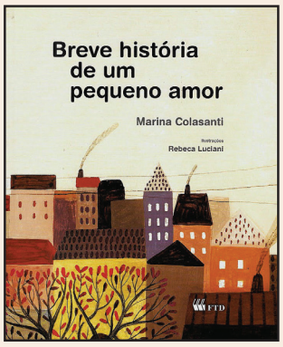
Com um beijo,
Marina

E os encontros continuaram com a autorização para a filmagem do curta-metragem Um espinho de marfim, de Luis Fernando Bruno e Isabella Secchin, com os atores Tonico Pereira e Rachel Rennhack. Conto extraído de *Mais de 100 Histórias Maravilhosas*, Global, 2015, que reúne os livros: *Uma Ideia Toda Azul, Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento, A Mão na Massa, Entre a Espada e a Rosa, O Homem que Não Parava de Crescer, Um Amor sem Palavras* e *Longe Como o Meu Querer*.

Atualmente, Marina também exerce a importante atividade de avó, se divertindo e compartilhando histórias com o neto Nino!

Selecionei alguns de seus livros infantis para ilustrar toda a beleza e criatividade dos textos:

Tudo Tem Princípio e Fim – texto e ilustrações da autora (Escarlate). Com sensibilidade, Marina observa objetos e situações que seriam comuns, olhando-os com olhos de poeta. Adquirido pela SME/SP; Altamente Recomendável FNLIJ 2018 e aprovado no PNLD/MEC 2020.



Breve História de um Pequeno Amor – Ilustrações de Rebeca Luciani (FTD, 2013). Um ninho descoberto no vão do telhado se transforma em uma linda história. E ela assume a responsabilidade de criar o pequeno filhote de pombo. Dedicação total, atenção, cuidado, tudo bem pensado. Como será que essa história de amor vai continuar? Prêmio Jabuti 2013, livro infantil.

Classificados e Nem Tanto e *Mais Classificados e Nem Tanto* – Xilogravuras de Rubem Grillo (Galerinha Record) – O primeiro livro (2010) fez um enorme sucesso. Os versinhos inusitados, anunciando situações divertidas logo seduziram a garotada. Tartaruga busca creme contra ruga ou Pombo oferece serviço certeiro de carteiro são exemplos dos textos, que receberam ilustrações perfeitamente integradas. Adquirido pelo FDE/SP e pelo PNBE/MEC, recebeu da editora Record o Prêmio Recordista pelo sucesso de vendas. O segundo (2019), segue o brilho do anterior e traz mais quadrinhos divertidos: Embora eu não queira, o relógio me chama na mesa de cabeceira ou Fantasma aposentado vende barato seu lençol usado. Selo Cátedra Unesco de Leitura – PUC/Rio, 2020.

A Amizade Abana o Rabo – Ilustrações da autora (Imperial Novo Milênio, 2019). Mais uma história onde os animais são os protagonistas. A chegada de uma cadela grávida que busca segurança para ter os filhotes termina com a adoção de duas cadelinhas. Desconfiado, curioso e arredio, um grande cão negro, que mora em uma casa mais abaixo, aos poucos se une a Meiga e Maribel. A história aconteceu de verdade e Marina conta como Milord, nome dado por ela, é o herói de uma grande aventura.

JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL

Gilberto Gil

Gilberto Passos Gil Moreira (Salvador, 26 de junho de 1942) é um cantor, compositor, multi-instrumentista, produtor musical, político e escritor brasileiro. Conhecido por sua contribuição na música brasileira e por ser vencedor de prêmios Grammy Awards, Grammy Latino e pelo governo francês com a Ordem Nacional do Mérito (1997). Em 1999, foi nomeado "Artista pela Paz", pela UNESCO. Gil foi também embaixador da ONU para agricultura e alimentação, e ministro da Cultura do Brasil, entre 2003 e 2008. Em mais de cinquenta álbuns lançados, ele incorpora a gama eclética de suas influências, incluindo rock, gêneros tipicamente brasileiros, música africana, funk, música disco e reggae. Em 1963, conhece Caetano Veloso, na Universidade da Bahia, inicia uma parceria e um movimento chamado tropicália, ou movimento tropicalista. O exílio em Londres contribui para a influência ainda maior dos Beatles, Jimmi Hendrix. São ao todo quase 60 discos, tendo sido premiado com 9 Grammys. Em 2015 e 2016, celebrou com Caetano Veloso os 50 anos de carreira em um show histórico – Dois Amigos, Um Século de Música. Foi condecorado e recebeu prêmios diversos, como Légion d' Honneur da França, Sweden's Polar Music Prize. Foi nomeado doutor *honoris causa* pela Universidade de Berklee e de imortal pela Academia Brasileira de Letras (ABL) para ocupar a cadeira de número 20. Ambos os títulos recebidos em 2021.

acervo JL

Eduardo Giannetti

Eduardo Giannetti da Fonseca (Belo Horizonte, 23 de fevereiro de 1957) é um economista, professor, autor e palestrante brasileiro, formado na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) e em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), ambas da Universidade de São Paulo. Possui doutorado em Economia pela Universidade de Cambridge (1987). Atualmente é professor da Ibmec Educacional. Foi também professor de economia do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), da FEA-USP (1988-1999) e da Universidade de Cambridge (1984-1987). Participou do movimento estudantil como militante da organização trotskista Liberdade e Luta (Libelu) quando estudante de graduação na Universidade de São Paulo. Cursou doutorado em Economia pela Universidade de Cambridge, onde foi professor entre 1984 e 1987 e de 1988 a 2001. Lecionou na FEA/USP. Foi também professor no Insper (Instituto de Ensino e Pesquisa). Elaborou os planos de governo para a candidata Marina Silva para as campanhas presidenciais de 2010, 2014 e 2018. É autor de diversos livros e artigos e ganhou por duas vezes o Prêmio Jabuti: em 1994, com o livro *Vícios Privados, Benefícios públicos?* (Cia. das Letras, 1993), em 1995, com *As Partes & o Todo* (Siciliano, 1995). É o sexto ocupante da Cadeira nº 2 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 16 de dezembro de 2021, na sucessão de Tarcísio Padilha, e foi recebido em 12 de agosto de 2022 pelo acadêmico Antonio Cicero.

acervo JL

Cândido Motta Filho

Advogado, professor, jornalista, ensaísta e político, nasceu em São Paulo, SP, em 16 de setembro de 1897, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 4 de fevereiro de 1977. Iniciou sua vida jornalística no *Correio Paulistano*. Colaborou no *Comércio de São Paulo* e, com o pseudônimo de Paulo Queiroga, figurou nas crônicas diárias do *São Paulo Jornal*. Participou da Semana de Arte Moderna, fazendo pelos jornais o estudo crítico do Modernismo. Promoveu o Movimento Verde-Amarelo, que procurava imprimir novos rumos à literatura brasileira. Foi oficial de gabinete do secretário da Agricultura no Governo Altino Arantes, em São Paulo e, em 1933, do prefeito da Capital paulista. Foi deputado estadual pelo Partido Constitucionalista. Foi ministro da Educação e Cultura. Foi presidente nacional do Partido Republicano. Foi presidente da Sociedade Brasileira de Psicologia (1936); vice-presidente da Sociedade Brasileira de Filosofia; membro da Academia de Belas Artes e da Academia Paulista de Letras, e presidente da Associação Nacional de Escritores. Foi membro da Academia Brasiliense de Letras; do Instituto dos Advogados do Brasil; do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; da União Brasileira de Escritores; do Conselho Técnico de Economia, Sociologia, Política e Finanças da Federação do Comércio de São Paulo, do Pen Clube do Brasil e de São Paulo; professor *honoris causa* da Universidade de Porto Alegre e professor emérito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

Mattoso e Herculano

Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

Há dias falecia, aos 90 anos, o historiador José Mattoso, expoente dos estudos históricos em Portugal. Especialista na época medieval lusitana (em especial na história das ordens religiosas e da aristocracia dos séculos X a XIII), Mattoso tinha formação beneditina, tendo vivido vida monástica antes de pedir e obter dispensa dos votos para se dedicar ao estudo da História. Não há dúvida da importância da sua obra também para a historiografia brasileira, sendo ele, como foi, um dos grandes intérpretes das intrincadas redes de relações humanas e institucionais que condicionariam nossa conformação como nação. Dentre outros trabalhos de importância tanto para a historiografia como para o público em geral, organizou as coleções da *História de Portugal* e da *História da Vida Privada em Portugal*. Seu *A escrita da História* reúne reflexões sobre o ofício, sendo leitura indicada para profissionais e para quem simplesmente se interesse por esse ramo do saber. Enfim, o mundo acadêmico, que o reconhecera em vida, pranteou-o quando da sua morte, pois como bem sintetizou minha orientadora, a prof. dra. Adriana Pereira Campos, da Universidade Federal do Espírito Santo, José Mattoso foi "um clássico em vida".

Dentre os afazeres que o ocuparam ao longo da carreira, consta a direção da Torre do Tombo, encargo que desempenhou entre 1996 e 1998. Íntimo das fontes, a última publicação em que trabalhou (ao menos que eu saiba) foi a atualização do volume *Narrativas dos Livros de Linhagens*, em edição que agora (2020) saiu pela Temas e Debates (uma chancela da Bertrand). Trata-se da recolha de narrativas referentes a tradições familiares, contadas na forma de lendas e mitos, constantes dos três repositórios fundamentais para estudos da genealogia nobiliárquica: O *Livro de Linhagens do Deão*, o *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* e o *Livro Velho de Linhagens*. Dessa publicação, que por coincidência tinha recém-adquirido quando do falecimento de Mattoso, consta a tradição medieval da Dama do Pé de Cabra, senhora misteriosa que, naqueles tempos remotos, despertou a paixão de um senhor de terras biscainho, com quem teve dois filhos e cuja vida conjugal dependia de jamais benzer-se o varão na sua presença.

Acontece que essa tradição, constante do repositório do Conde D. Pedro, foi desenvolvida na forma de conto histórico por Alexandre Herculano de Carvalho Araújo, publicista e historiador português, introdutor do gênero novela histórica em Portugal. Herculano iniciou em 1853 um notável trabalho de identificação de documentos históricos espalhados pelos arquivos eclesiásticos país afora, fazendo-os recolher à Torre do Tombo e organizando sua publicação em séries temáticas reunidas sob o título *Portugaliae Monumenta Historica* (PMH). A mesma coleção a que em 1980 José Mattoso daria continuidade, acrescendo-lhe a edição crítica dos mesmos nobiliários medievais de onde tirou os textos do *Narrativas dos Livros de Linhagens*. Interessante exercício é a comparação da versão original da tradição constante do livro de Mattoso com o conto de autoria de Alexandre Herculano. Como se sabe, certos fatos históricos (ou ao menos revestidos de uma qualquer historicidade) por sua singularidade acabam se tornando fonte preciosa também para a Literatura. Seguramente, é o caso dessa singular passagem.

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.

Por Zé Roberto
zerobertograuna@gmail.com

Sahar Ansari

Desenhista e gravadora, Sahar Ansari é filha de paquistaneses que vieram trabalhar no Brasil, tendo nascido no Rio de Janeiro no dia 25 de março de 1977, no bairro Laranjeiras. É parente da consagrada artista Zubeida Agha (1922/1997), considerada a primeira pintora paquistanesa moderna, agraciada, em 1946, pela Sociedade de Belas Artes, com o Primeiro Prêmio de Pintura Moderna e que, em 1961, foi nomeada diretora executiva da Galeria de Arte Contemporânea de Rawalpindi. Sobre Zubeida, Sahar Ansari registrou em seu site: "Era uma artista, uma supermulher, especialmente naquela época – ela deixou um legado maravilhoso de artes e filosofia para a vida!"

Aos 7 anos, a menina Sahar Ansari mudou-se para o Paquistão, onde cresceu e passou a dedicar-se ao desenho. Escolheu o curso de Belas Artes e ingressou na NCA – National College of Arts Lahore, a mais conceituada escola paquistanesa de artes, fundada em 1875. Sahar é graduada em gravura com o título Distinction, certificado concedido pelo presidente paquistanês Pervaiz Musharaf (1943/2023). Em 2014, aceitando o convite do famoso artista Usman Saeed, Sahar Ansari participou da exposição Sydney–Lahore: Prints from the Collections of Cicada Press and Saeed Akhtar Studio, evento que uniu as diversas técnicas existentes da gravura, com artes desenvolvidas por jovens artistas graduados pelas escolas das cidades de Sidney (Austrália) e Lahore (Paquistão).

Após a formatura, a artista dedicou-se por cerca de 10 anos ao meio publicitário, mas resolveu retornar ao Brasil para buscar novos caminhos para sua arte. Em 2016, por ocasião dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, a desenhista participou da exposição Elas por Elas – As Atletas Brasileiras por Nossas Artistas, na Sala de Cultura Leila Diniz, em Niterói, quando exibiu belíssima arte em homenagem à nadadora Etiene Medeiros, retratando a consagrada atleta como a "Rainha do Mar", em águas cheias de ondas e cores e, num feliz detalhe, com a presença de Caju, o cãozinho mascote da vitoriosa pernambucana. A partir de 2018, passou a frequentar a EBA – Escola de Belas Artes, na UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro; frequenta o curso de litografia da EAV – Escola de Artes Visuais do Parque Lage, desde 2017, onde atualmente é monitora de Tina Velho, professora das Oficinas da Imagem Gráfica da entidade.

Sahar Ansari mantém um belo site com informações complementares sobre sua trajetória, projetos e seu incrível portfólio no endereço: saharansari. com. br/. Para o leitor que preferir conferir o que esta talentosa artista exibe nas redes sociais, basta buscar pelos perfis @sahar_in_rio, no Instagram, e Sahar Ansari Perez Art, no Facebook.

Saúde e Arte!

Sahar Ansari e sua Etiene Medeiros.

Etiene Medeiros.

Raízes das chuvas.

Sonhadora.

A paixão da imagem

Por Maria Cabral

Telas do artista plástico Mário Mendonça, na exposição *A Paixão da Imagem*, com diferenciadas interpretações da figura de Cristo.

Não é exagero dizer que o público que visitou a exposição *A Paixão da Imagem*, do artista plástico Mario Mendonça, na Cidade das Artes, no Rio de Janeiro, saiu apaixonado. Considerado o maior artista brasileiro de arte sacra contemporânea, Mario Mendonça ofereceu aos visitantes a oportunidade de apreciar a ligação luminosa do artista, que sempre se dedicou à figura do Cristo, com o sagrado.

Segundo o acadêmico mineiro, escritor e curador de arte Angelo Oswaldo, prefeito de Ouro Preto, Mendonça "identifica-se no retrato do Senhor tornado espelho da alma". As telas apresentadas trazem as quatro faces de Cristo de grandes dimensões, sob o impacto de uma "transposição mística": "A visualidade concebida pelo artista evidencia o domínio técnico, mas emerge de uma força interior movida pelo primado espiritual", elogia Angelo Oswaldo.

Mario Mendonça nasceu no Rio de Janeiro em 6 de agosto de 1934. Pintor e desenhista autodidata, formou-se em Direito, mas nunca exerceu a profissão: a arte falou mais alto. Na década de 60, frequentou cursos de pintura de Ivan Serpa e Aluisio Carvão no Museu de Arte Moderna, e de modelo vivo com Caterina Baratelli.

Suas principais exposições individuais no exterior foram em Nuremberg, 1989; Paris, 1988; em 1987, Sophia – onde Mario Mendonça e Candido Portinari representam a pintura brasileira na Bulgária; Roma, 1982; Madrid, 1979; e em 1970, Portugal e Berlim.

No Brasil, entre as individuais mais significativas, estão: "34 Quixotes – desenhos", em 2005, comemorando os 400 anos da obra de Cervantes na Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro; em 2004, retrospectiva da obra do artista na Galeria Cândido Portinari, da UERJ. Em 2000, inaugurou a primeira mostra do milênio no Museu Nacional de Belas Artes. Em 1985, a Fundação Roberto Marinho e a Arquidiocese do Rio organizaram exposição, com 115 quadros, na Casa do Bispo.

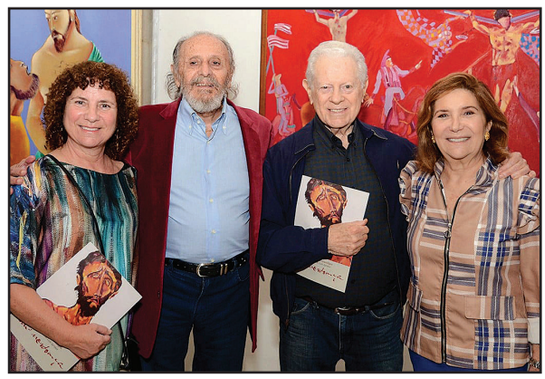
Na lista dos diversos templos em que trabalhos de sua autoria podem ser encontrados, acham-se a Igreja da Ressurreição, entre Copacabana e Ipanema, e a Capela do Bom Jesus da Pobreza, em Tiradentes. Nesta, a Via Crucis revela a originalidade dos recortes praticados na sequência narrativa que há quase dois mil anos motiva os artistas.

Com várias medalhas de honra e prêmios nacionais e internacionais por seu trabalho, teve obras escolhidas para compor acervos importantes, como o do Vaticano, o do Museu *Ibero Amerikanishes Institut* (Berlim), o do Museu Nacional de Belas Artes, os de palácios de governos no Estado de Minas Gerais e o do Palácio do Planalto, em Brasília. É membro das Academias Brasileira de Arte (ABA) e de Belas Artes e conselheiro de cultura da Arquidiocese do Rio de Janeiro.

Considerado o maior artista brasileiro de arte sacra contemporânea e um dos poucos representantes do gênero nas artes plásticas na atualidade, Mario Mendonça figura nas obras *Art in Brazil – from beginnings to modern times*, publicado pela Biblioteca do Congresso, em Washington; V*ia Sacra da Justiça*, de Leonardo Boff; *Arte Brasileira*, de Walmir Ayala; e *Le Brésil par ses Artistes*, Editora Nórdica. Ilustrou os livros *Branca Dias – O Martírio*, *Dom Quixote para Crianças* e *O Alienista*, de Arnaldo Niskier, e a adaptação de *A Escrava Isaura* (Bernardo Guimarães), feita por Manoela Ferrari.

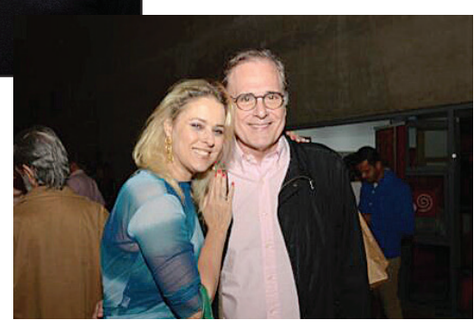
Dividido entre Rio de Janeiro e Minas Gerais, em 2011, inaugurou o Instituto Mario Mendonça, em Tiradentes. Uma das mais importantes coleções de arte contemporânea do Estado mineiro, o Instituto oferece ao público a apreciação de cerca de mil obras de arte contemporâneas, brasileiras e estrangeiras, além da maior exposição de pinturas de Mário Mendonça, reconstituindo o percurso de quase 50 anos de carreira.

Mário Mendonça, com as filhas Paula e Débora.



O pintor Mário Mendonça recebeu os cumprimentos da presidente do Conselho do CIEE-Rio, Andréia Ghelman, com o acadêmico Arnaldo Niskier e a esposa Ruth.

Manoela Ferrari e o tributarista Antonio Abreu, na exposição *A paixão da imagem*. Mário Mendonça está finalizando as ilustrações da adaptação do romance *Iracema*, de José de Alencar, assinada pela escritora.



O casal Almir Ghiaroni e Georgia Wortmann também foram prestigiar a exposição.

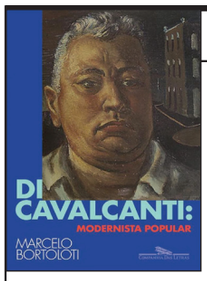
Novos Lançamentos

Mundo mágico

Viajando pelo mundo do imaginário, este livro conta a história de um menino que está à procura de um burrinho para ser seu amigo em todas as horas. O menino imagina e descreve esse companheiro de aventuras com muitas características. Depois, como que num anúncio, é dito ao leitor que quem souber de um burrinho assim pode escrever ao *Menino Azul*. Com sua poesia leve e sensível, Cecília Meireles descreve os anseios da criança em conhecer tudo aquilo que é novo. O menino quer mais do que apenas um animal de estimação. Ele quer um amigo para que conversem, aprendam o nome das coisas, inventem histórias e descubram juntos o imenso jardim que é o mundo. Publicado em 1964, o poema O Menino Azul é originalmente um dos textos do livro *Ou Isto ou Aquilo*, o livro infantil mais renomado da autora e que até hoje é uma das portas de entrada das crianças para o universo literário devido o estilo lúdico dos poemas. As ilustrações de Camila Carrossine nessa nova edição caracterizam bem o mundo da imaginação pelo qual o menino passeia, mantendo a suavidade que interage muito bem com os versos do poema. *O Menino Azul* sai sob a égide da Global Editora. Cecília Meireles foi uma autora versátil, atuando como poeta, ensaísta, cronista, folclorista, tradutora e educadora. Os livros *Romanceiro da Inconfidência, Isto ou aquilo* e *Viagem* são algumas de suas obras mais conhecidas. Recebeu diversos prêmios, incluindo o Prêmio Jabuti e o Prêmio Machado de Assis, e teve sua poesia traduzida para vários idiomas. Todas as suas obras são publicadas com exclusividade pela Global Editora. Ela faleceu em 9 de novembro de 1964 no Rio de Janeiro.

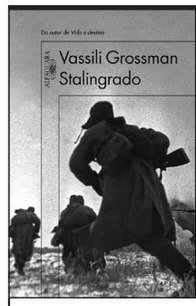
Coletânea

Vírginia Woolf – Uma prosa apaixonada (Editora Autêntica), que tem organização, tradução e notas de Tomaz Tadeu, reúne alguns dos ensaios em que Virginia Woolf aborda, em escopo e profundidade, a temática da natureza da poesia e da prosa literária e, sobretudo, a relação entre as duas. "Poesia é poesia e prosa é prosa" – é o refrão que Virginia atribui, no ensaio Uma prosa apaixonada, aos que se comprazem em traçar os limites dos diferentes gêneros literários. Mas, excetuando-se certas características convencionais, a distinção entre a prosa literária e a poesia se estreita consideravelmente. Há poesias nada poéticas, assim como há prosas deliciosamente, apaixonadamente, prazerosamente poéticas. No fundo, sorrateira e insinuante, o que Virginia quer demonstrar é que sua própria prosa, seja a de ficção, seja a ensaística, é uma prosa poética, uma prosa musical, uma prosa… apaixonada. E a pergunta que ela tenta responder, ao longo desses ensaios, é: o que faz com que uma prosa literária possa ser assim classificada? Complementam o livro dois posfácios, escritos por Roxanne Covelo e Emily Kopley, estudiosas da obra woolfiana. Quem foi Virginia Woolf? É o que ela mesma se pergunta, quase no fim da vida: "Quem era eu então? Adeline Virginia Stephen, a segunda filha de Leslie e Julia Prinsep Stephen, nascida em 25 de janeiro de 1882, […] no meio de uma enorme rede de relações, não de pais ricos, mas de pais bem situados na vida, nascida num mundo educado, extremamente afeito a se comunicar, a escrever cartas, a fazer visitas, a se expressar bem – o mundo do final do século dezenove" (Woolf, 1985, p. 65).



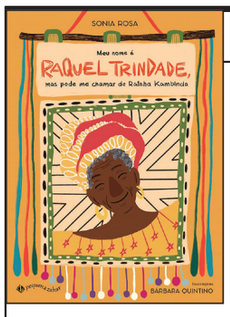
Eterno Di

Quando Emiliano de Albuquerque Mello mostrou pela primeira vez um desenho artístico feito a lápis a seu amigo e mentor Gaspar Puga Garcia, o incentivo que recebeu – "você será pintor" – provavelmente soou mais como amizade do que vaticínio para o adolescente. No entanto, o passar dos anos confirmaria o julgamento de Puga, e Di Cavalcanti vivenciaria, na maturidade, a consagração de seu trabalho pictórico. Enfrentando adversidades financeiras e com uma formação artística dispersa, o pintor pouco a pouco desenvolveu um estilo enriquecido pela sensibilidade e pelo olhar atento à realidade que o cercava – decorrência de sua consciência de classe e de uma vida boêmia. A observação dos tipos sociais e das manifestações culturais levaram Di a uma expressão plástica própria, que sintetizava as tendências estéticas europeias com o ideal da criação de uma arte que se pudesse chamar de brasileira, escolhendo como assunto para suas telas personagens e elementos da cultura popular. Um dos idealizadores da Semana de Arte Moderna de 1922, Di Cavalcanti construiu uma iconografia particular, que ganharia caráter de referência cultural para o imaginário nacional. Em *Di Cavalcanti: Modernista popular* (Cia das Letras), Marcelo Bortoloti conta essa história. O autor é jornalista formado pela PUC-Minas, mestre em Artes pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi pesquisador visitante da Universidade de Barcelona e da Faculdade de Belas Artes de Florença, e organizador do livro *Carlos Drummond de Andrade e Ribeiro Couto: Correspondência* (Editora Unesp, 2019).



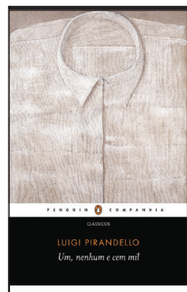
Terror em arte

Considerado um dos grandes romancistas do século XX, Vassili Grossman transforma o terror da guerra em arte. *Stalingrado* (Editora Alfaguara) é o primeiro volume do díptico que se estabeleceu como um dos maiores clássicos mundiais da literatura de guerra. Junto com *Vida e Destino*, é considerado o *Guerra e Paz* do século XX. Em abril de 1942, Hitler e Mussolini se encontram em Salzburgo, onde decidem atacar novamente a União Soviética. A investida logo se intensifica, e o Exército Vermelho é obrigado a regressar ao centro industrial de Stalingrado. Nas ruínas da cidade devastada, as forças soviéticas se preparam para uma última resistência. A trama de *Stalingrado* se desenrola na Rússia e na Europa, e seus personagens são conhecidas figuras históricas, mas também mães, filhos, maridos, enfermeiras, soldados, trabalhadores e ativistas políticos. No centro do romance está a família Chápochnikova, cuja matriarca se recusa a deixar Stalingrado, mesmo com o rápido avanço das tropas alemãs. Enquanto isso, Liudmila, sua filha, se vê frustrada e infeliz no casamento com o físico Viktor Chtrum. A pesquisa que Viktor desenvolve pode ser crucial para os militares, mas seu pensamento está voltado para a mãe na Ucrânia, perdida atrás das linhas inimigas. Com profunda compaixão e potência, Vassili Grossman narra em *Stalingrado* a crueldade de um regime opressor e os horrores da guerra sem jamais perder de vista a essência fugaz e delicada da existência humana. "Desde Homero, poucas obras literárias conseguiram se igualar ao olhar preciso e profundamente humano que Grossman lança à face devastadora da guerra." *The Economist.*



Guardiã de saberes

Artista multidisciplinar, Raquel Trindade é um dos grandes símbolos da cultura brasileira. Guardiã de saberes ancestrais, honrou o legado de seus pais, Solano Trindade e Maria Margarida Trindade, deixando, ela própria, um tesouro para as futuras gerações. Essa é a história de uma verdadeira heroína negra. Ativista cultural, artista plástica, dançarina, coreógrafa e ensaísta, fundou, em 1975, o Teatro Popular Solano Trindade, em Embu das Artes, tornando-se expoente na preservação e na promoção da cultura negra e popular. Protagonista também na fundação do Maracatu Nação Kambinda, se tornou conhecida como Rainha Kambinda, a principal referência nessa corte de estrutura matriarcal, originalmente popularizada por grupos que percorriam em desfile as ruas do Recife, lugar onde nasceu. A partir de suas memórias, somos convidados a também participar desse movimento, conhecendo em detalhes sua trajetória de luta incansável pela representatividade negra em todos os setores da sociedade brasileira. *Meu Nome é Raquel Trindade, Mas Pode me Chamar de Rainha Kambinda* de Sonia Rosa sai pela égide do selo Pequena Zahar com ilustrações de Bárbara Quintino. Sonia Rosa é carioca, escritora, mestre em relações étnico-raciais, professora, contadora de histórias e consultora de letramento racial em escolas do Rio de Janeiro. Tem mais de cinquenta títulos publicados. Dedica-se especialmente à literatura negro-afetiva para crianças e jovens, conceito criado pela autora para nomear sua produção literária, na qual os leitores brasileiros vão encontrar muito amor e muita representatividade negra em protagonismo.



Humanidade

O último romance *Um, Nenhum e Cem Mil* (Penguin Companhia) de Luigi Pirandello, conhecido por revolucionar a literatura italiana do século XX, apresenta uma crise identitária profunda do sujeito moderno e reflete sobre qual é a essência do que nos define como seres humanos únicos. O livro foi publicado logo antes de Pirandello receber o prêmio Nobel de literatura. Vitangelo Moscarda, filho de um banqueiro, tem sua vida pacata perturbada por uma simples observação da esposa: seu nariz parece um pouco caído à direita. Esse comentário leva o protagonista a refletir que cada pessoa nos enxerga de uma forma diferente, e quem pensamos ser talvez não passe de uma ilusão criada para nós mesmos. A ferida desta crise identitária, anunciada desde o começo do romance, logo se converte em um abismo vertiginoso, ao passo que Vitangelo busca dinamitar sua persona pública de usurário e fundar uma nova identidade para si, numa jornada tanto de autodescoberta quanto de autodestruição. Autor da brilhante peça metalinguística Seis personagens em busca de um autor – nos conduz com maestria por esse percurso labiríntico em um romance filosófico que questiona os pilares mais básicos do que significa ser humano na modernidade avassaladora da vida na cidade. Luigi Pirandello nasceu em Agrigento, em 28 de junho de 1867. Foi um dramaturgo, poeta, ensaísta e romancista siciliano. Conhecido como grande renovador do teatro, sua obra se divide em diferentes fases, passando pelo humorístico e o grotesco e culminando no metateatro. Pirandello foi nomeado acadêmico da Itália em 1929, e em 1934 recebeu o prêmio Nobel de literatura, dois anos antes de sua morte em Roma.

CHEGOU A HORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br

CNC | Federações | Sindicatos | Sesc | Senac / Trabalho a favor do Brasil.

A grande reportagem à volta do mundo

Por António Valdemar

A aventura, nos mares ainda desconhecidos e nas terras ainda ignoradas, de Fernão Mendes Pinto, relatada na *Peregrinação*, possui a fluência, a agilidade e o imprevisto de uma grande reportagem.

Fernão Mendes Pinto.
Gravura da aut. de F. Pastor, in *Almada Antiga e Moderna: II. Freguesia de Cacilhas.*

Foi tudo o que quis ser ou aquilo que as circunstâncias o obrigaram a ser: mercador nos confins do Oriente, "*a subir e descer as vias de água*" no Mar Amarelo; soldado, cortesão, mendigo e pirata. Ele próprio resumiu as adversidades que sofreu: "treze vezes cativo e dezassete vezes vendido". Como se tudo isto não bastasse também foi jesuíta, mas despiu a roupeta quando entendeu e voltou a ser um homem livre.

Era natural de Montemor o Velho. Pertencia a uma família humilde. Até aos 10 ou 12 anos – confessa na *Peregrinação* – encontrava-se "na miséria e estreiteza na casa do pai". O apelo da distância incutiu-lhe o espírito da aventura. Correndo riscos e sobressaltos, quis libertar-se de um ambiente sem futuro. Tinha um primo na Índia. Embarcou numa caravela com destino a Setúbal. A certa altura o barco foi aprisionado por corsários franceses.

Os passageiros, açoitados, roubados e todos nus, conseguiram chegar à praia alentejana de Melides. Esta a primeira grande provação que o atingiu, até que seguiu para a Índia. Tinha 18 anos incompletos e, de março de 1537, até 1557, confrontou-se com as maiores incertezas e os mais diversos imprevistos, quantas vezes em luta fontal com a morte.

Várias gerações de investigadores, em arquivos e bibliotecas portuguesas e estrangeiros, ocuparam-se da autenticidade do texto da *Peregrinação*, para esclarecer localizações geográficas, fatos históricos, as relações com a Companhia de Jesus, os contatos com São Francisco Xavier. Um fato, porém, é notório: há saltos evidentes no texto, no decurso da sequência da narrativa.

Até ao fim da vida, – e mesmo depois da morte –, Fernão Mendes Pinto ficou sob a vigilância dos jesuítas. Ao saberem que redigia a *Peregrinação*, a pretexto de uma consulta, os jesuítas são acusados de retirar do manuscrito do livro inúmeras referências de tudo que diz respeito à Companhia de Jesus. Assim se pronunciaram, em obras, devidamente, fundamentados, vários historiadores e ensaístas, entre os quais António José Saraiva, que publicou estudos de consulta obrigatória.

Regresso a Portugal

Ao voltar a Portugal, Fernão Mendes Pinto passou pelos Açores, tal como se verificou com Vasco da Gama e Luís de Camões. Esteve, possivelmente, na ilha Terceira. Gaspar Frutuoso, nas *Saudades da Terra* (livro VI), foi categórico ao afirmar que a Baía de Angra era, em pleno Atlântico, a "universal escala do mar poente e por todo o mundo celebrada".

Chegou a Lisboa a 22 de setembro de 1558. Durante quatro anos e meio, procurou retomar a vida. Malograram-se as possibilidades. Casado e com filhos, instalou-se na margem sul do Tejo. Adquiriu uma casa no Pragal, onde escreveu muito do que viu, e do que ouviu e lhe aconteceu do Extremo Oriente: na Abissínia, na Arábia, em Malaca, em Java, no Pegu, em Sião, na China e no Japão, até regressar a Portugal. Contemporâneo de Camões, nasceu antes dele, (c. 1509/ 1514-1583) e faleceu depois de Camões (1524/1525-1579/1580). Fernão Mendes Pinto ultrapassou o itinerário de Camões no Oriente e as fatalidades que o atingiram em Goa e em Moçambique. A *Peregrinação* faz parte das obras indicadas como paradigmas da literatura portuguesa de viagens na expansão marítima que se verificou nos séculos XVI e XVII, desde *Os Lusíadas* até a *História Trágico Marítima*.

"Fascinação Irresistível"

Entre as obras e escritores portugueses que Teixeira Gomes mais considerava, incluía Camões: "o melhor exemplo de uma repentina e salutar renascença, de pureza de formas e claridade de ideias e de estilo". Embora o grande público continue a ignorar que "foi e é o maior autor dos tempos modernos". Mencionava depois Fernão Mendes Pinto: "figura que, no meu espírito, sempre exerceu fascinação irresistível, e pela qual conservo ainda hoje a mesma admiração.

"Não é só pelo encanto das suas peregrinações – insistia Teixeira Gomes – mas, sobre tudo, pela graça, e cristalina simplicidade do seu estilo, que parece de agora, e pela riqueza e propriedade dos seus vocábulos. Ele introduziu na nossa língua centenas de preciosos e úteis neologismos, que ficaram".

A *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, que se lê com a fluência, a agilidade e o imprevisto que deparamos numa grande reportagem – é, sem dúvida, uma das obras mais notáveis da literatura portuguesa e da literatura universal. Encontra-se traduzida nas principais línguas europeias. Revela o homem em toda a sua dimensão e em todas as circunstâncias. Transmite-nos, com "a simplicidade sempre tão difícil de conseguir" o que lhe aconteceu ver no contato direto com o mundo.

A ausência do Brasil

Fez parte de uma das primeiras expedições portuguesas que logrou alcançar o Japão em 1542. A chegada de portugueses ao Japão foi muito celebrada e perdura ainda na memória cultural japonesa, também porque permitiu a introdução das armas de fogo naquele país. O próprio Fernão Mendes Pinto descreveu o espanto e o interesse das autoridades locais, quando viram um dos seus companheiros disparar uma arma enquanto caçava.

Ainda pequeno, um tio trouxe-o para Lisboa, onde o pôs ao serviço da casa de D. Jorge de Lencastre, duque de Aveiro, filho bastardo do rei D. João II. Manteve-se aqui durante cerca de cinco anos, dois dos quais como moço de câmara do próprio D. Jorge.

Em 1537, partiu para a Índia, ao encontro dos seus dois irmãos. De acordo com o que relatou na sua obra *Peregrinação*, foi durante uma expedição ao mar Vermelho – em 1538 – que participou num combate naval com os otomanos, tendo sido feito prisioneiro e vendido a um grego. Este vendeu-o por sua vez a um judeu, que o levou para Ormuz, onde foi resgatado por portugueses.

Acompanhou Pedro de Faria a Malaca, de onde fez o ponto de partida para as suas aventuras, tendo percorrido, durante 21 acidentados anos, as costas da Birmânia, Sião, arquipélago de Sunda, Molucas, China e Japão, grande parte desse tempo ao lado do pirata António de Faria. Numa das suas viagens, conheceu São Francisco Xavier e, influenciado pela sua personalidade, decidiu entrar para a Companhia de Jesus e promover uma missão jesuíta no Japão.

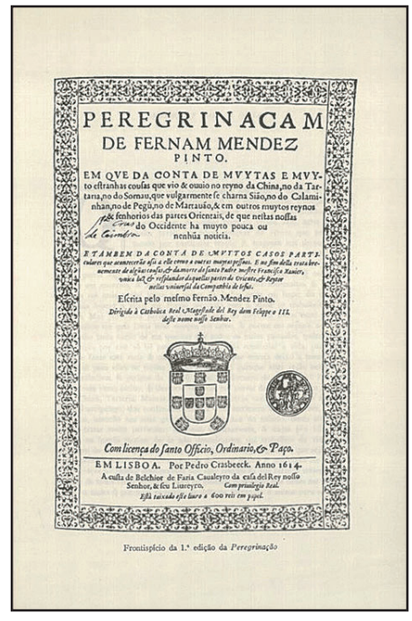
Em 1554, depois de libertar os seus escravos, foi para o Japão como noviço da Companhia de Jesus e como embaixador do vice-rei D. Afonso de Noronha. Esta viagem constituiu um desencanto para ele. Desgostoso, abandonou o noviciado e regressou a Portugal.

Com a ajuda do ex-governador da Índia Francisco Barreto, conseguiu arranjar documentos comprovativos dos feitos realizados pela pátria, que lhe deram direito a uma tença, que nunca recebeu. Desiludido, foi para a Quinta de Palença, em Almada, onde se manteve até à morte e onde escreveu, entre 1569 e 1578, a obra que nos legou, a *Peregrinação*. Esta só viria a ser publicada cerca de 30 anos após a sua morte, receando-se que o original tenha sofrido alterações, às quais não seriam alheios os jesuítas. O livro (de 700 páginas) passou também o crivo da Inquisição.

Deixou-nos um relato tão extraordinário que, durante muito tempo, não se acreditou na sua veracidade. De tal modo, que até se fazia um jocoso jogo de palavras com o seu nome: "Fernão Mendes Minto" ou então "Fernão, mentes? Minto!". A *Peregrinação*, porém, tornou-se um sucesso, tendo rapidamente dezenove edições em seis línguas.

Na atualidade, Fernão Mendes Pinto é considerado um dos maiores escritores da literatura portuguesa e mundial. Ele contribuiu, ao lado de Luís de Camões, para enriquecer e fazer evoluir a língua portuguesa. A sua vida e obra têm sido tema regular para estudos universitários, um pouco por todo o mundo, nas áreas de História, Antropologia, Geografia, Sociologia, Semântica e Literatura.

Existem ruas com o seu nome em Lisboa, Porto, Montemor-o-Velho, Guimarães, Portimão, Ovar, Freixo de Espada à Cinta e Loures, em Portugal; no Rio de Janeiro e São Paulo, no Brasil; em Luanda (Angola), no Maputo (Moçambique) e na China.



PEREGRINACAM
DE FERNAM MENDEZ
PINTO.
EM QVE DA CONTA DE MVYTAS E MVY-
to estranhas cousas que vio & ouuio no reyno da China, no da Tar-
tana, no dos Somas, que vulgarmente se charma Sião, no do Calami-
nhan, no de Pegũ, no de Martauão, & em outros muytos reynos
& senhorios das partes Orientais, de que neitas nossas
do Occidente ha muyto pouca ou
nenhũa noticia.
ESTAMBEM DA CONTA DE MVYTOS CASOS PARTI-
culares que aconterẽ a elle como a outros muytos pessoas. E no fim delle trata breu-
memente de algũas cousas & da morte do santo Padre mestre Francisco Xauier,
como foi & os estandartes do apostolo patriarcha do Oriente & fundador
desta vniuersal da Companhia de Iesus.
Escrita pelo mesmo Fernão Mendes Pinto.
Dirigido à Catholica Real Magestade del Rey dom Filippe o III.
desse nome nosso Senhor.
Com licença do santo Officio, Ordinario, & Paço.
EM LISBOA. Por Pedro Craesbeeck. Anno 1614.
A custa de Belchior de Faria Caualeyro da casa del Rey nosso
Senhor, & seu Liureyro. Com priuilegio Real.
Esta taxado este liuro a 600 reis em papel.

Frontispício da 1.ª edição da *Peregrinação*

Quem controla a mídia?

José Carlos Gentili*

Hipócrates de Cós – Pai da Medicina.

As vacinas teriam sido aplicadas, mas com certas reservas históricas, conforme se vê em charge, adiante aludida, risível por sua própria essência meramente lúdica.

O Conselho Federal de Farmácia, no Brasil, afirmou, segundo estudo da People´s Vaccine Alliance – PVA, que "as vacinas contra a Covid-19 estão gerando um lucro combinado de US$ 65 mil por minuto para a BioNtech, Moderna e Pfizer". (CFF, Notícias Gerais, 19 de novembro de 2021).

Algo fantástico!

As panaceias de Hipócrates, a monumental enciclopédia médica, denominada *Exercícios Anatômicos*, de Galeno (Pai da Anatomia); os avançados estudos da farmacognisia, enfeixados na obra *De Materia Medica,* de Pedânio Dioscórides; a monumentalidade dos conhecimentos condensados no *Al Qanum* (O Cânone da Medicina), desenvolvidos por Avicena; além de outros tantos gênios que, durante séculos e milênios, procuraram mitigar as dores humanas e ganharam foros de cientificidade.

Indiscutível é a constatação da cura pela via percuciente dos processos experimentais.

A cientificidade é algo pertencente à infinitude criacional, espectros dos experimentos.

É importante registrar que os derivados, nominados de fármacos sintéticos, resultam do conhecimento básico dos elementos químicos das plantas. Plantas e homens têm uma forte relação atávica. A propósito, o genial antropólogo belga Claude Lévy-Strauss já afirmara que: "O pajé cura porque há consenso." O pajé cura porque domina o segredo da medicina das plantas e também porque, em razão de seu carisma singular, gera um consenso grupal de resultado carismático/psicológico/reativo.

As benzedeiras e raizeiros até hoje exercem suas atividades benfazejas com efetividade, a distribuir mezinhas e tisanas às suas greis.

Agrada-me relembrar o ineditismo da cura da condessa espanhola, Chichón, em 1638, esposa do Vice-Rei, que foi curada no Peru, no meio da floresta amazônica, pelos indígenas locais, que lhe ministraram a tal da quina, curativa da malária, que já era tomada pelos missionários evangelizadores, nas Américas.

A quina ou china, que depois foi chamada de chinchona, (*chinchona officinalis*), foi quase extinta pelos europeus, que levaram sementes para a Europa e ganharam fortunas laboratoriais, a feitio das seringueiras na Amazônia (*hevea brasiliensis*), geradoras da borracha.

Esse produto milagroso, do receituário dos pajés, passou a ser "científico", vez que era denominado de "pó dos jesuítas", ao chegar na Europa.

Ressalve-se, a bem da verdade, que o "pó dos jesuítas" não dever ser confundido com outros pós andinos...

A América sempre foi vandalizada pelos europeus, reis e a Igreja, irmanados sob a égide do Padroado, em Portugal; e pela Espanha, responsável pela barbárie e extinção dos povos autóctones das Américas, na volúpia da tradicional *aura sacra fames.*

*José Carlos Gentili é jornalista.

PELA LEI NATURAL DOS ENCONTROS

ACABOU CHORARE

O rock'n'roll encontra a batida de João Gilberto

O jornalista **Marcio Gaspar** conversou com produtores e artistas que formaram a grande comunidade dos **Novos Baianos** para contar a história do disco que misturou rock, samba, bossa, poesia e experimentalismo – e que segue, 50 anos depois, inevitável em todas as listas de melhores álbuns da música brasileira.

Coleção discos da
História e bastidores
música brasileira
de álbuns antológicos

sescsp.org.br/edicoes

/edicoessescsp

edições sesc